



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

EVERTON WILLIAN DE OLIVEIRA CAVALCANTI

**O LUGAR DA VELHICE NA ESCOLA: ATITUDES DE CRIANÇAS EM
RELAÇÃO À VELHICE**

RECIFE

2018

EVERTON WILLIAN DE OLIVEIRA CAVALCANTI

**O LUGAR DA VELHICE NA ESCOLA: ATITUDES DE CRIANÇAS EM
RELAÇÃO À VELHICE**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física como parte dos requisitos à obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dra. Nayana Pinheiro Tavares

RECIFE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

C376l Cavalcanti, Everton Willian de Oliveira.

O lugar da velhice na escola: atitudes de crianças em relação à velhice / Everton Willian de Oliveira Cavalcanti. – 2018.

89 f : il.

Orientadora: Nayana Pinheiro Tavares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação Física, Recife BR-PE, 2018.

Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Crianças e os idosos 2. Relações entre gerações 3. Idosos - Condições sociais
4. Educação de crianças 4. Interação social I. Tavares, Nayana Pinheiro, orient. II.
Título

CDD 613.7

EVERTON WILLIAN DE OLIVEIRA CAVALCANTI

**O LUGAR DA VELHICE NA ESCOLA: ATITUDES DE CRIANÇAS EM RELAÇÃO À
VELHICE**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física como parte dos requisitos à obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Educação Física.

Data de Aprovação: Recife – PE, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Nayana Pinheiro Tavares, Prof.^a Dra.
(Orientador – Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Maria Helena Câmara Lira, Prof.^a Dra.
(Membro 1 – Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Ana Flávia Araújo Pinho, Prof.^a M.e
(Membro 2 – Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Marcos André Nunes Costa, Prof. Dr.
(Membro 3 – Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Dedico este trabalho, primeiramente, aos meus pais, que, apesar de não possuírem títulos acadêmicos, me mostraram que o maior título que se pode obter é o que se origina da dignidade, respeito e bondade. Dedico também este trabalho aos meus avós, por serem os primeiros idosos com os quais eu convivi e, graças as várias conversas, conselhos e afagos, geraram em mim um grande afeto por este público tão caro. Dedico ao meu parceiro na vida e estudos, o qual suportou minha ausência no nosso relacionamento em diversos momentos para que eu pudesse dar conta da produção deste trabalho. Dedico ainda à minha orientadora e incentivadora, por me possibilitar ver de perto que seguir um sonho, por mais difícil que seja, é algo recompensador. Por fim, mas não menos importante, dedico aos diversos idosos e idosas com os quais tive a maravilhosa oportunidade de trabalhar, se não fosse por eles eu jamais saberia a dádiva que é estar imergido no universo do idoso.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois sei que, mesmo não sendo uma pessoa religiosa ou praticante assídua, Ele tem me abençoado e iluminado todos os passos que me trouxeram até aqui.

Agradeço aos meus pais, Neide, Júnior, que encararam essa jornada toda ao meu lado, até no momento em que abri mão de trabalhar, mesmo isso não sendo fácil para eles. Sou grato também a minha mãe Aida que não poupou conselhos durante essa jornada. Aqui também deixo meu agradecimento aos meus avós que, apesar de em alguns momentos não entenderem meus motivos, não me desamparam.

Agradeço a Vinícius, meu companheiro. Os dias não foram fáceis para nenhum de nós dois, mas seu apoio, força, encorajamento e confiança sempre foram um alicerce no qual eu pude permanecer firme, mesmo contra as maiores adversidades que surgiram em meu caminho.

Esse trabalho não teria sido possível sem as inúmeras conversas formais e informais que tive o privilégio de ter com minha orientadora, Prof.^a Dra. Nayana Pinheiro Tavares. Seu exemplo é e sempre será um guia para minha carreira. Por esse e tantos outros motivos lhe sou extremamente grato. Também agradeço à Prof.^a Dra. Maria Helena Câmara Lira, por todo o apoio durante toda minha graduação, sempre surgindo como uma pessoa com a qual podia contar.

Não há como não ser grato aos meus amigos e irmãos da graduação que, com certeza, levarei para toda a vida. Alexandre, Géssica, Edson, Rayssa e Wandemberg, vocês foram extremamente importantes para mim durante essa jornada.

Agradeço aos gestores das escolas e aos participantes dessa pesquisa, sem vocês essa pesquisa nem existiria. Agradeço também à Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco pela disponibilidade em fornecer as informações que precisei em todas as vezes que solicitei.

Existem ainda inúmeras pessoas que mereciam estar aqui, mas jamais terminaria esses agradecimentos, então agradeço de forma geral a todos aqueles que contribuíram em minha caminhada. Muito obrigado! Jamais serei capaz de recompensar todo o amor e apoio que recebi.

Que desgraça não enxergarem a velhice os seres fracos e ignorantes, ébrios do orgulho da juventude

- Buda

Resumo

As mudanças ocorridas na distribuição demográfica na população brasileira vêm causando inúmeras mudanças no funcionamento da sociedade como um todo, bem como na maneira da sociedade lidar com os idosos. Diante disso, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar as atitudes de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à velhice e como objetivos específicos: a) identificar conceitos de envelhecimento, bem como, concepções e representações da velhice ao longo da história e na sociedade atual; b) problematizar sobre a escola, sua função social e o professor e aluno enquanto sujeitos da mesma; c) verificar aproximações e distanciamentos entre documentos que regem o conteúdo curricular educação física no ensino fundamental anos iniciais e a temática velhice. A pesquisa tomou por referência autores como Beauvoir (1970), Freitas e Py (2016), Neri (2007), (2013), Papalia, Olds e Feldman (2010), entre outros, para tratar das questões ligadas ao envelhecimento, Freire (1987), (2000), (2002), Saviani (1999), Manacorda (1997), entre outros, para tratar questões relacionadas a educação, Bracht (1999), Darido (2012), Soares (1994), entre outros, para falar sobre a educação física, Ostrom (1969), Todaro (2008), Luchesi (2011), Newman, Faux e Larimer (1997), Neri (1991), entre outros, para tratar das problemáticas relacionadas as atitudes das crianças. Essa pesquisa se caracteriza, quanto a abordagem, como uma pesquisa qualitativa, e classifica-se como uma pesquisa exploratória descritiva. Como instrumento de coleta foi escolhida a aplicação de um questionário composto por uma parte de dados sociodemográficos e outra pela Escala Todaro (composta por quatro domínios, a saber, agência, relacionamento social, persona e cognição), que posteriormente foi analisado através da análise de conteúdo, conforme Bardin (2010) e Souza Júnior, Melo e Santiago (2010). Dessa forma, foi possível verificar uma atitude positiva das crianças em relação à velhice, o que se encontra em acordo com os achados de pesquisas anteriormente realizadas a nível nacional e internacional. Esse achado, entretanto, não extinguiu a existência de pontos específicos em que as atitudes foram mais negativas, como pode ser verificado no domínio cognição, apresentando uma pontuação de quase 0,2 pontos acima da média geral. Essa pesquisa concluiu, assim, que, apesar de encontrar atitudes mais positivas, é necessária uma atuação educativa direcionada que trate a temática velhice dentro da escola, pois assim, crê-se ser possível proporcionar uma mudança em estereótipos atrelados ao idoso e formar uma geração que lide com a velhice de maneira diferente das gerações passadas.

Palavras-chave: Atitudes; Crianças; Idoso; Educação física; Educação.

Abstract

The changes that occurred in the demographic distribution in the Brazilian population have caused numerous changes in the functioning of society as a whole, as well as in the way society deals with the elderly. Thus, this research had as a general objective to analyze attitudes regarding the old age of elementary school children initial years and as specific objectives: a) identify concepts of aging, as well as conceptions and representations of old age throughout history and in today's society; b) to question about the school, its social function and the teacher and student as subjects of the same; c) verify approximations and distances between documents that govern the curricular content physical education in elementary school years and the thematic old age. The research took as reference authors such as Beauvoir (1970), Freitas and Py (2016), Neri (2007), (2013), Papalia, Olds and Feldman (2010), among others, to address the issues related to aging, Freire (2000), (2002), Saviani (1999), Manacorda (1997), among others, to address issues related to education, Bracht (1999), Darido (2012), Soares (1994), among others. (1988), Todaro (2008), Luchesi (2011), Newman, Faux and Larimer (1997), Neri (1991), among others, to deal with issues related to children's attitudes. This research is characterized, as far as the approach, as a qualitative research, and is classified as an exploratory descriptive research. As a collection instrument, a questionnaire composed of one part with sociodemographic data and the other by the Scale Todaro (composed of four domains, namely, agency, social relationship, persona and cognition) was chosen, which was subsequently analyzed from the content analysis, according to Bardin (2010) and Souza Júnior, Melo and Santiago (2010). In this way, it was possible to verify a positive attitude of the children in relation to old age, which is in agreement with the findings of previous researches at national and international level. This finding, however, did not extinguish the existence of specific points in which the attitudes were more negative, as can be verified in the domain cognition, presenting a score of almost 0.2 points above the general. This research concluded that, despite finding more positive attitudes, it is necessary a directed educational action that addresses the old age theme within the school, therefore, it is believed that it is possible to provide a change in stereotypes linked to the elderly and to form a generation that deals with old age differently from past generations.

Keywords: Attitudes; Children; Old man; Physical education; Education.

Lista de Figuras

- Figura 01** – Proporção de pessoas com 60 anos ou mais de idade na população total
– Mundo – 1950/2100.....17
- Figura 02** – Complexidade do envelhecimento e suas inúmeras influências.....22
- Figura 03** – Relação educador educando na perspectiva vertical e horizontal.....39

Lista de gráficos

Gráfico 01 – Relação entre média geral e específica por gênero.....	59
Gráfico 02 – Média geral na Escala Todaro e por domínio.....	60
Gráfico 03 – Relação entre pontuação de crianças que vivem e não vivem com idosos.....	61

Lista de tabelas

Tabela 01 – Teorias sobre o envelhecimento biológico.....	23
Tabela 02 – Teorias psicológicas do envelhecimento.....	24
Tabela 03 – Roteiro didático para Análise de Conteúdo.....	54
Tabela 04 – Indicadores para Análise de Conteúdo.....	55
Tabela 05 – Médias e desvios padrões referentes a cada par de adjetivos da Escala Todaro.....	60
Tabela 06 – Pontuação na Escala Todaro por idade e domínio.....	62

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. NA TRILHA DO ENVELHECIMENTO	17
2.1. VELHICE E IDOSO.....	18
2.2. PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....	20
2.3. CONCEPÇÕES DE VELHICE AO LONGO DA HISTÓRIA E NOS DIAS ATUAIS.....	30
3. A EDUCAÇÃO, A EDUCAÇÃO FÍSICA E A VELHICE	35
3.1. EDUCAÇÃO E ESCOLA.....	35
3.2. A EDUCAÇÃO FÍSICA, VELHICE E DOCUMENTOS OFICIAIS.....	40
4. METODOLOGIA	47
4.1. A PESQUISA CIENTÍFICA.....	47
4.2. CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA.....	50
4.2.1. Seleção do campo de pesquisa	50
4.2.2. Seleção dos sujeitos da pesquisa	51
4.3. INSTRUMENTO DE COLETA.....	52
4.4. TÉCNICA DE ANÁLISE.....	53
5. ATITUDES DE CRIANÇAS EM RELAÇÃO À VELHICE	56
5.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	57
5.2. ESCORE GERAL DA ESCALA TODARO PARA AVALIAÇÃO DE ATITUDES DE CRIANÇAS EM RELAÇÃO À VELHICE.....	57
5.3. ANÁLISE DAS CATEGORIAS EMPÍRICAS.....	62
5.3.1. Agência	63
5.3.2. Relacionamento Social	64
5.3.3. Persona	65
5.3.4. Cognição	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE A – OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES À SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO	80
APÊNDICE B – OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA	81

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES.....	83
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO.....	85
ANEXO A – RELAÇÃO DAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL COM ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS.....	86
ANEXO B – ESCALA TODARO - ESCALA PARA AVALIAÇÃO DE ATITUDES EM RELAÇÃO À IDOSOS.....	88
ANEXO C – ESCALA NERI DE AVALIAÇÃO DE ATITUDES EM RELAÇÃO À VELHICE.....	89

1. INTRODUÇÃO

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam para uma reforma demográfica no Brasil em que o mesmo irá ocupar, até 2025, a sexta posição no ranking dos países com maior quantitativo de idosos (OMS, 2005). Estudos que fazem projeções demográficas também corroboram com esta previsão da OMS, como, por exemplo, o trabalho de Carvalho e Rodríguez-Wong (2008) onde sinaliza para esta realidade.

Os grupos acima de 65 anos aumentarão a taxas positivas e altas durante todo o período. Taxas de crescimento superiores a 4% são esperadas para a população de 75 anos e mais, durante grande parte da primeira metade do presente século (p. 601).

Esta mudança, entretanto, sinaliza para uma necessidade de melhorias da vida desta população em específico e maior compreensão sobre o processo de envelhecimento, a velhice e o indivíduo idoso.

Diversos estudos (CARVALHO E RODRÍGUEZ-WONG, 2008; FREITAS, 2016; OMS, 2005) mostram que a manutenção e melhoria da saúde do idoso está incrustada de fatores que perpassam por diversas áreas do conhecimento, considerando que o processo de envelhecimento não se encerra no envelhecimento biológico, e sim está ligado ao envelhecimento funcional, psicológico, cognitivo e social. Desta forma, a compreensão do idoso enquanto um ser total, que possui uma variedade de segmentos a serem considerados, se faz importante para a compreensão desta nova realidade demográfica brasileira.

Em uma pesquisa¹ realizada pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) São Paulo e o SESC Nacional foi possível observar diversos dados sobre como é ser idoso no Brasil, construindo um cenário que discorre sobre as vivências, desafios e expectativas na terceira idade. Uma parte da mesma trata das formas com que os jovens veem o indivíduo idoso e sobre como o próprio idoso se vê. Os dados apontam para uma realidade repleta de preconceitos e associação da velhice a aspectos negativos (NERI, 2007).

¹ Pesquisa de título: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade., realizada em 2006, em 204 municípios (pequenos, médios e grandes) distribuídos nas cinco macrorregiões do Brasil.

O que foi verificado nos dados da pesquisa anteriormente falada possui uma direta relação com o que Simone De Beauvoir percebia já no século passado, ao afirmar que

[...] a velhice surge como uma desgraça: mesmo entre os indivíduos considerados bem conservados, a decadência física por ela acarretada patenteia-se à vista de todos pois é na espécie humana que são mais espetaculares as alterações provocadas pelos anos (p. 9-10, 1970).

Considerando o cenário atual da sociedade brasileira há uma importante demanda de encontrar maneiras de propiciar uma concepção de velhice que esteja favorecendo a dignidade, o respeito, a alteridade, superando a ideia de uma decadência e degradação completa, pois, como discutido por Neri (2007) a humanidade se amedronta mais com o processo de perda de dignidade e independência, solidão e sofrimentos associados à velhice do que com a própria morte.

A Educação Física como uma área de conhecimento que atua de forma contributiva na qualidade de vida dos indivíduos, quer seja através de promoção de atividades físicas, quer seja através da conscientização da importância de adquirir hábitos saudáveis, também possui uma grande importância no processo de envelhecimento, sendo uma grande aliada na promoção da saúde (MACIEL, 2010). Tendo em vista que a inatividade física está ocupando a quarta posição no ranking dos fatores de risco de mortalidade em todo o mundo (NETTO, 2016).

Entretanto, uma outra face dessa área de conhecimento que possui um grande potencial para contribuir nas transformações das concepções da velhice hegemônicas na sociedade é a educação física escolar. Ao compreender que o professor de educação física está apto² a intervir na realidade social, de maneira crítica, acadêmica e profissional, consideramos possível que o mesmo possa contribuir no processo de construção de novas concepções de velhice já na infância e na adolescência³.

² Tomando por referência o Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

³ Considerando as faixas etárias presentes na educação básica.

A fim de possibilitar a superação de visões preconceituosas sobre a velhice, a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, conhecida por Estatuto do Idoso⁴, apresenta a obrigatoriedade de tratar este tema em todos os níveis da educação básica.

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (Art. 22).

Tratar esta temática numa monografia do curso de licenciatura em educação física pode parecer um pouco desconexo e/ou fora de ordem, entretanto as experiências em projeto de extensão⁵, realizadas durante a graduação, me impulsionaram a dar vazão a uma admiração por tal temática. Mesmo esbarrando nos diversos silenciamentos sobre o tema velhice durante o meu processo de formação em Licenciado em Educação Física, esta aproximação foi tornando-se cada dia mais forte e profunda. A convivência com idosos dos mais diferentes perfis também possibilitaram aumentar ainda mais o anseio em discutir os problemas associados ao processo de envelhecimento, por dentro de uma licenciatura.

Para tornar ainda mais claro os motivos que trouxeram esse graduando a essa temática, é necessário fazer um resgate da minha própria história.

O meu contato com o público idoso foi mediado pelos meus avós. Esta mediação que é bem comum, foi diferenciada para mim, tendo em vista que a presença destes avós em minha vida era diária e participativa em minha criação. Partindo dessa proximidade, sempre tive as pessoas “mais velhas” que eu como pessoas que eu deveria direcionar um respeito ainda maior⁶, devido a suas histórias de vida e experiências. Diante dessa forma de ver os “mais velhos”, eu sempre me inquietei com a maneira pela qual, muitas vezes, essas pessoas eram tratadas, inclusive por pessoas próximas a mim. No entanto, isso tudo ocorreu de forma despreziosa e sem qualquer problematização por minha parte.

⁴ Lei Federal brasileira destinada a regular os direitos assegurados às pessoas com sessenta (60) anos ou mais.

⁵ Programa de Atenção Integral à Saúde do Idoso – PAISI/UFRPE.

⁶ Não afirmo que os idosos merecem mais respeito do que outro segmento da população, apresento o resultado de uma maneira de ver passada por dentro da cultura familiar a qual estive inserido em meu processo de formação humana.

Ao adentrar na graduação, logo de cara, me encantei profundamente pelas discussões das relações de gênero por dentro da educação física, assim, me debrucei em leituras, grupos de estudo, extensão, pesquisa e as mais diversas formas de vivenciar tal temática. Porém, quando entrei no Programa de Atenção Integral à Saúde do Idoso – PAISI⁷ estas questões da minha infância sobre o público idoso foram emergindo a superfície, então passei a problematizar ainda mais as relações da sociedade com o público idoso. Desta forma, percebi que já não estava mais debruçado sobre as relações de gênero, e sim, sobre as discussões acerca do envelhecimento, o que ocorreu de forma natural e espontânea.

Diante de leituras sobre o processo de envelhecimento, velhice, idosos e demais assuntos que fazem parte do universo do envelhecimento, foi ficando claro como durante minha graduação este tema havia ficado de fora e silenciado. Para conseguir dar conta de me apropriar desta temática, foram necessários eventos extracurriculares e leituras de pesquisas e trabalhos das mais diversas áreas, pois dentro da Licenciatura em Educação Física a temática velhice parece passar despercebida ou silenciada.

Outro forte elemento que alimentou essa curiosidade sobre este tema, foi o convívio semanal com os idosos participante do PAISI. Em conversas informais, brincadeiras e diversos outros momentos me foi possível perceber como os mesmos são por vezes deixados de lado, vistos como ultrapassados e/ou inúteis, ou, por vezes, vistos como nada. Essa possibilidade de conviver com idosos de diversos contextos também tornou possível perceber como a educação auxilia na compreensão do processo de envelhecimento, pois no início das atividades víamos muitos desanimados, em algumas conversas falando que a velhice era só dor, cansaço e outros aspectos negativos, porém hoje após diversos trabalhos com eles já se torna visível uma alteração dessas falas, onde os mesmos apresentam visões diferentes das iniciais sobre a velhice.

Considerando ainda a obrigatoriedade afirmada no Estatuto do Idoso de inserir conteúdos voltados ao processo de envelhecimento e que nesta Lei não delimita que isto seja específico para um ou outra área, cabe também ao professor de Educação

⁷ Projeto desenvolvido na Universidade Federal Rural de Pernambuco, com o intuito de oferecer ao público idoso, tanto da instituição quanto da comunidade circunvizinha, atividades de Educação, Esporte, Lazer e Saúde.

Física, trabalhar objetivamente (e não por acaso) a temática velhice. Sendo assim, acredita-se que esta atuação necessite de uma maior reflexão e aprofundamento, não acontecendo de maneira não crítica e amorfa. Isso colabora à materialização do direito à dignidade e ao respeito garantidos e assegurados por diversas esferas legais. (ESTATUTO DO IDOSO, 2013; CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988; DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948; POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, 2010)

Ao me propor a pesquisar esta temática, acredito estar contribuindo para uma superação da forma pela qual os idosos são e vem sendo vistos e tratados na sociedade atual.

Para tratar esse tema na escola considera-se necessário saber quais concepções de velhice estão presentes na mesma, qual o local ocupado por esta temática nos corredores da educação básica e quais as atitudes das crianças em relação a mesma. Assim, esse trabalho toma como ponto de partida o seguinte questionamento: quais as atitudes de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à velhice?

A fim de responder o questionamento citado acima, essa pesquisa tem como objetivo geral, analisar as atitudes de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à velhice e como objetivos específicos: a) identificar conceitos de envelhecimento, bem como, concepções e representações da velhice ao longo da história e na sociedade atual; b) problematizar sobre a escola, sua função social e o professor e aluno enquanto sujeitos da mesma; c) verificar aproximações e distanciamentos entre documentos que regem o conteúdo curricular educação física no ensino fundamental anos iniciais e a temática velhice.

Para além da introdução, que aqui representa o primeiro capítulo, o trabalho aqui expresso apresenta-se com dois capítulos de referencial teórico. No primeiro deles são discutidas questões relacionadas ao envelhecimento, velhice, idoso e as concepções da velhice historicamente construídas. No segundo foram trazidos aspectos ligados a educação, escola, educação física e os documentos oficiais que dão conta da mesma na educação básica de Pernambuco. Após o referencial teórico foi tratado o aporte metodológico que balizou toda a pesquisa, sendo seguido por um capítulo com as análises dos dados coletados. Por fim, trazemos nossas

considerações sobre todos os achados dessa pesquisa, expressando relações entre os resultados obtidos e as análises feitas, com toda a fundamentação teórica utilizada.

2. NA TRILHA DO ENVELHECIMENTO

Ao observar a população brasileira no decorrer dos anos é possível verificar, de acordo com dados do IBGE (2016) uma modificação no quantitativo de idosos presentes na população, e as projeções para os anos seguintes (Figura 1), não apenas no número, mas na estimativa de vida que também foi aumentada.

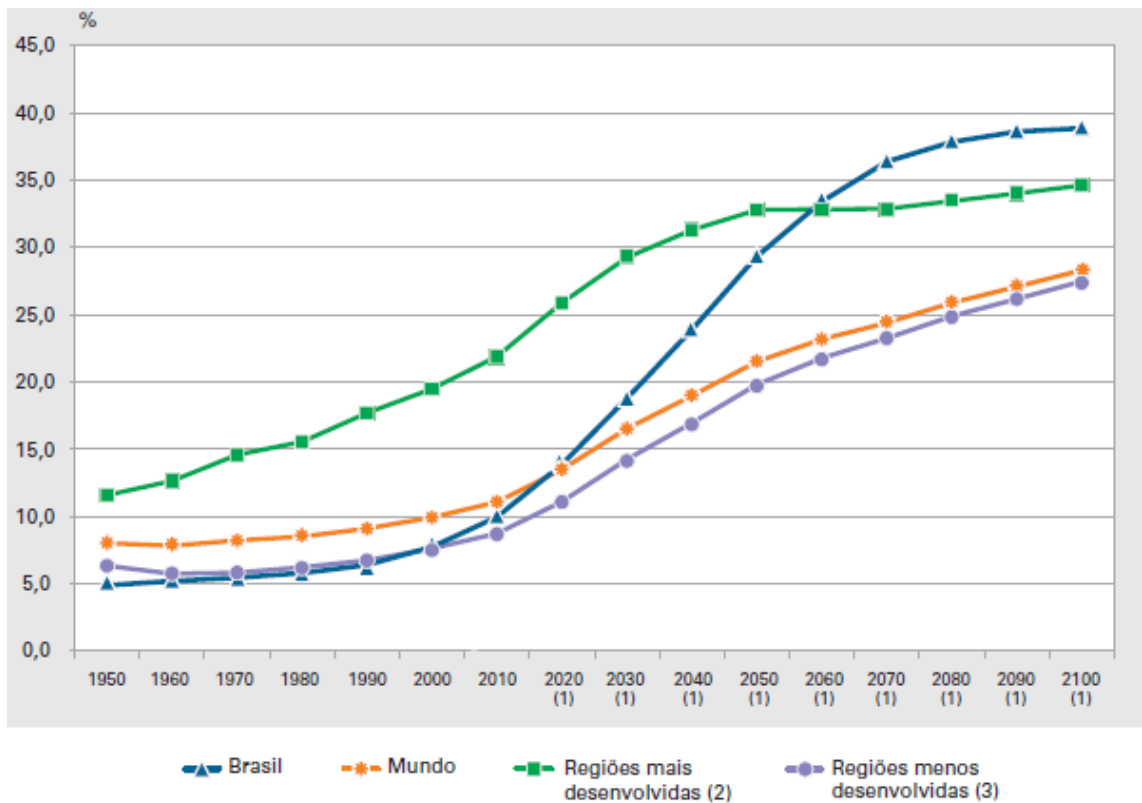


Figura 1. Proporção de pessoas de 60 anos ou mais de idade na população total - Mundo - 1950/2100 - Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016 (IBGE, 2016) ⁸

Esses dados apresentam um cenário em que fica evidenciado uma expressiva alteração da população de idosos no Brasil, onde dos anos 1950 até 2000 não passava de 10% (dez por cento) e, a partir do início do novo milênio, esse número não apenas foi alterado como foi se descolando das médias relativas ao bloco do qual está inserido (regiões menos desenvolvidas) e se aproximando dos dados das regiões

⁸ Regiões mais desenvolvidas: Europa, América do Norte, Austrália/Nova Zelândia e Japão; Regiões menos desenvolvidas: todas regiões da África, Ásia (exceto Japão), América Latina e Caribe mais Melanésia, Micronésia e Polinésia.

mais desenvolvidas e, pelas projeções, ultrapassando este bloco por volta do ano 2060 (dois mil e sessenta).

Assim, dialogar sobre o envelhecimento, a velhice e o idoso não se torna apenas uma escolha científica, mas sim um comprometimento com as demandas reais da sociedade que envelhece mais e mais a cada dia.

Diante desse panorama, parece ser imprescindível um resgate teórico sobre os principais conceitos, concepções e representações que foram historicamente se construindo e culminaram no que se conhece e utiliza hoje em dia como nomenclatura e conceitos. Para iniciar esta expedição teórica, parece ser interessante partir dos seguintes questionamentos: o que é o processo de envelhecimento, a velhice e quem é o idoso⁹?

2.1. Velhice e o idoso

Ao consultar o Dicionário Aurélio sobre o significado da palavra velhice encontra-se que a mesma é o estado ou condição de velho, antiguidade, idade avançada. Seguindo nessa busca, ao se pesquisar a palavra idoso, encontra-se que este é alguém que tem a idade avançada.

Essa rápida busca apresenta significados para tais termos ancorados em aspectos prioritariamente literários. Entretanto, a velhice e o idoso são categorias que possuem um vasto *hall* de discussões e problematizações (MINAYO e COIMBRA JR, 2002).

Considerando o que Netto (2016) discute no primeiro capítulo do Tratado de Geriatria e Gerontologia, pode-se dizer que a velhice é correspondente a uma fase da vida. Entretanto, Peixoto (1997), aponta que “cada velhice é consequência de uma história de vida” (p. 1), não havendo assim uma velhice e sim “maneiras singulares de envelhecer” (PEIXOTO, 1997, p. 1).

Newman, Faux e Larimer (1997) discutem que as diferenças entre jovens e idosos foram sendo construídas socialmente e culturalmente, não sendo reduzidas, assim, a diferenças biológicas e/ou cronológicas.

⁹ Algumas referências utilizadas aqui nessa pesquisa utilizam o termo velho e/ou pessoa idosa para identificar esse indivíduo, porém esse trabalho utilizará o termo idoso para identificar a pessoa com mais de 60 (sessenta) anos, que é o indivíduo protagonista do processo de envelhecimento.

Historicamente a velhice ocupou diferentes papéis nas sociedades. Desde o destaque cedido pela sociedade romana, que concediam títulos importantes no senado e posições de destaque, também o respeito com a velhice é notado nas sociedades incas e astecas. Os hebreus também atribuíam a velhice um momento especial na vida e não um fardo, considerando os idosos os representantes naturais do povo. Com a queda do império romano e propagação do cristianismo vê-se uma mudança dos conceitos atribuídos a pessoa idosa, que passa a ser vista como momento de cessar as atividades, carregada de fadiga e sendo aliviada apenas com a morte (KAUFMAN, 2012).

Contudo, de acordo com Silva (2008)

a noção de velhice como etapa diferenciada da vida surgiu no período de transição entre os séculos XIX e XX. Uma série de mudanças específicas e a convergência de diferentes discursos acabaram reordenando o curso da vida e gerando condições para o surgimento da velhice. Dois fatores se destacam como fundamentais e determinantes: a formação de novos saberes médicos que investiam sobre o corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias (p. 158).

Assim fica evidente que traçar um único conceito de velhice se torna uma tarefa difícil

[...] pois qualquer parâmetro, quer seja no registro biológico, psicológico ou social parece-nos insuficiente para dar conta de uma definição categorizante, dadas as variações individuais, sociais e os acontecimentos da vida (PITANGA, 2006, p. 78).

Traçar um conceito para o indivíduo idoso também esbarra nessas mesmas dificuldades. De acordo com Pitanga (2006) o velho é um ser biopsicossocial, sendo o idoso o resultado do processo de envelhecimento (NETTO, 2016). Considerar que o processo de envelhecimento atua de maneiras diferentes em cada indivíduo significa dizer que isso também influencia na concepção de quem é idoso e quem não é. A fim de delimitar um início comum para a velhice, a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁰ e a Lei nº 8.842 (Política do Idoso)¹¹ apontam ser idoso o indivíduo com idade superior a sessenta anos. Sendo assim, no Brasil, idoso é o indivíduo que possui idade igual ou superior a sessenta anos. Essa

¹⁰ Para a ONU o indivíduo é idoso a partir de 60 (sessenta) anos em países em desenvolvimento, entretanto em países desenvolvidos o indivíduo é considerado idoso a partir de 65 (sessenta e cinco) anos.

¹¹ Lei Federal brasileira que tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.

classificação reduzida a idade cronológica, apesar de não considerar aspectos da totalidade do idoso, é a mais utilizada para definir este grupo.

Quando o idoso é visto como um sujeito improdutivo, ocorre a destituição de tal indivíduo de um lugar social de reconhecimento, o que oferece margem para o ageísmo¹², negando assim, voz aos idosos e sua experiência (GUSMÃO, 2003). Sendo assim, ainda de acordo com Gusmão (2003), é importante considerar que o idoso não é uma “folha apagada pelo tempo [...] velhos são sujeitos de vivências individuais e coletivas que configuram as possibilidades de um patrimônio cultural e social, a um só tempo, particular e universal (p. 26-27).

2.2. Processo de envelhecimento

A preocupação com a existência do envelhecimento e de como ele ocorre, é algo que tem rondado a humanidade desde os mais remotos tempos, encontrando em diversas mitologias, nas mais diferentes culturas, formas de apreciar e vivenciar este processo (MOREIRA, 2016; TRENCH e ROSA, 2011).

A maneira com que se envelhece não é homogênea. Cada corpo envelhece de uma forma, evidenciando assim a diversidade, e ao mesmo tempo, a singularidade desse processo. Diversas categorias (gênero, etnia, condição socioeconômica, diferenças culturais) influenciam no processo de envelhecimento (MINAYO e COIMBRA JÚNIOR, 2002; TRENCH e ROSA, 2011). A diversidade dos elementos que permeiam esse, justifica, em certa medida, a interdisciplinaridade que se percebe nos estudos sobre o idoso. Compreender esse fenômeno por apenas uma lente parece ser uma escolha redutiva e não capaz de favorecer essa diversidade.

Uma possibilidade de tornar clara as diferentes formas de envelhecer, é observar os resultados desse processo em diferentes indivíduos, como foi apontado por Papalia, Olds e Feldman (2010), ao discutir sobre o astronauta John H. Glenn Jr., que foi o primeiro homem americano a orbitar a Terra e, trinta e sete anos após este feito, foi a pessoa mais velha a ir ao espaço. Essa discussão proposta pela autora traduz como os hábitos de uma vida influenciam em como se chega à velhice, pois, segundo Moreira (2016), baseado em McDonald (2014), a forma como se vive

¹² Preconceito ou discriminação contra uma pessoa (mais comumente o idoso) (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010).

influencia diretamente a forma como vai envelhecer, principalmente considerando que um homem não apresenta a mesma forma de lidar com o mundo que outro homem, sendo assim o envelhecimento algo personalizado para cada ser vivo.

Contudo, mesmo considerando a diversidade do processo de envelhecimento, alguns aspectos são comuns a este fenômeno. Aqui serão apresentados alguns, tais como os biológicos, cognitivos e psicossociais.

O envelhecimento é um processo irreversível, que ocorre de maneira natural e de forma específica em cada indivíduo (HAYFLICK, 1996; MORAES, MORAES E LIMA, 2010, MOREIRA, 2016; NERI, 2013; PAPALIA, OLDS e FELDMAN 2010). Este fenômeno ocorre à medida que a idade cronológica aumenta, sendo acompanhado de algumas perdas progressivas no organismo e papéis sociais. Este processo é único e depende de algumas capacidades básicas, adquiridas e do meio em que o indivíduo esteja inserido (MOREIRA, 2016).

O que causa o envelhecimento? Esta pergunta, feita em diversos momentos e nas mais diversas culturas e sociedades, é, até hoje, geradora de diversas problematizações. O que pode ser apontado como causa da senescência¹³ foi uma dúvida que levou diversos autores a levantar as mais variadas teorias do envelhecimento, a fim de explicar as causas para este processo. Essas explicações surgiram das diversas áreas do conhecimento, o que deu origem a criação de teorias biológicas, psicológicas e sociais do envelhecimento.

De acordo com Moreira (2016) as teorias biológicas estão agrupadas nas mais diversas formas e categorias, entretanto, todas tentam de alguma forma englobar “aspectos genéticos, bioquímicos e fisiológicos de um organismo” (MOREIRA, 2016, p. 18).

Inicialmente, pode parecer haver uma aproximação do envelhecimento com a doença, porém, de acordo com um dos pioneiros da Biogerontologia, Leonard Hayflick (1996), o envelhecimento não se caracteriza como uma doença, pois diferentemente das patologias, suas modificações expressam-se das mais diversas maneiras, a saber:

- Ocorrem em qualquer animal que alcança a idade adulta

¹³ “Período da vida marcado por declínios no funcionamento físico, normalmente associados à idade; começa em idades diferentes para pessoas diferentes” (PAPALIA, 2010).

- Dão-se após a maturação sexual
- Aumentam a vulnerabilidade à morte
- Ultrapassam virtualmente as barreiras entre as espécies, ocorrendo de maneira diversificada, porém constante e com uma trajetória demarcada, para cada espécie (HAYFLICK, 1996, p. 35-41).

Tomando por base os estudos de McDonald (2014), Moreira (2016) afirma que na contemporaneidade não se considera mais viável apontar uma causa única para o envelhecimento, tendo em vista a ação de inúmeros processos em cada espécie, de forma complexa. Pode ser visto como um holograma multifatorial, com variações inúmeras, até mesmo para uma única espécie, amplamente suscetível a influências ambientais e, também, submetido a polimorfismos genéticos e variações da expressão gênica (CUNHA, 2011).

Esta complexidade de influências no processo de envelhecimento pode ser visualizada na Figura 2, construída a partir do que foi apontado por Moreira (2016).

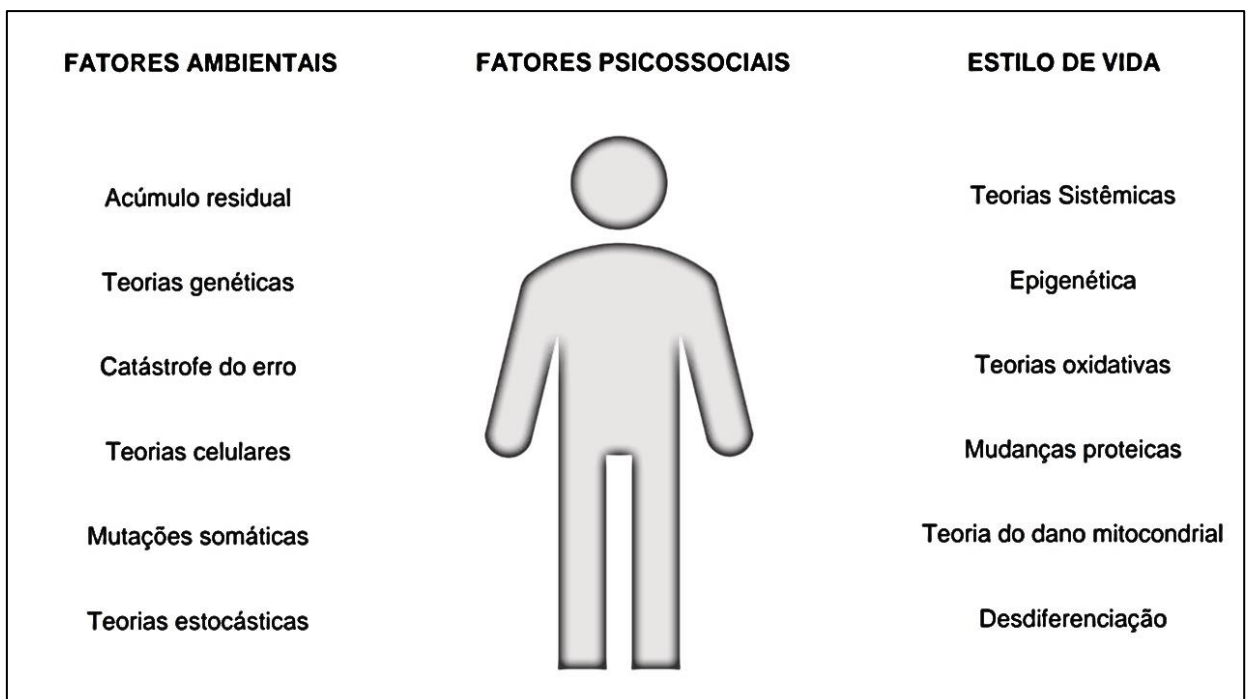


Figura 2. Complexidade do envelhecimento e suas inúmeras influências.

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2010) as teorias sobre envelhecimento biológico comumente estão organizadas em duas categorias (Tabela 1): teorias de programação genérica e teorias de taxa variável.

As teorias de programação genética defendem que há um envelhecimento inevitável, e que ele ocorre determinadamente de acordo com o relógio evolutivo normal e inato dos genes. Já as teorias de taxas variáveis, consideram que o

envelhecimento é resultado de diversos processos randômicos, que sofrem variação de pessoa a pessoa, como pode ser visto na tabela abaixo.

Teorias de Programação Genética	Teorias de Taxas Variáveis
Teoria da Senescência programada: envelhecer é o resultado de um contínuo ligar e desligar de certos genes. Senescência é o tempo em que os déficits associados ao resultado da idade ficam evidentes.	Teoria do Desgaste Normal: células e tecidos têm partes vitais que se desgastam.
Teoria Endócrina: relógios biológicos atuam por meio de hormônios para controlar o passo do envelhecimento.	Teoria dos Radicais Livres: danos acumulados de radicais de oxigênio causam paradas no funcionamento de células e eventuais órgãos.
Teoria Imunológica: um declínio programado em funções do sistema da imunidade leva a uma crescente vulnerabilidade com predisposição para doenças infecciosas e, portanto, para o envelhecimento e morte.	Teoria da Taxa de Vida: quanto maior a taxa de metabolismo de um organismo, menor é seu tempo de vida.
Teoria Evolucionária: envelhecer é um traço evolutivo que possibilita aos membros de uma espécie viver somente o suficiente para reproduzir.	Teoria da Auto-imunidade: o sistema de imunidade se torna confuso e ataca suas próprias células corporais.

Tabela. 1. Teorias sobre o Envelhecimento Biológico (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010)

Moreira (2016) apresenta, baseado em Teixeira e Guariento (2010), que as teorias do envelhecimento biológico, são frequentemente categorizadas em: teorias programadas e teorias estocásticas. Para tais autores, as teorias programadas baseiam-se na ideia do relógio biológico, assim como apresentado por Papalia, Olds e Feldman (2010) para as teorias de programação genética.

Já as teorias estocásticas são definidas como aquelas que apresentam um condicionamento às alterações moleculares e celulares, que ocorrem de forma progressiva e de maneira aleatória, promovendo danos nas estruturas biológicas para manutenção da vida. Sendo assim, também apresenta um conceito próximo ao trazido por Papalia, Olds e Feldman (2010) para as teorias de taxas variáveis. Desta forma, é possível verificar apenas uma diferença em nomenclatura, porém permanecendo os conceitos relacionados para tais autores e trabalhos (MOREIRA, 2016; PAPALIA, OLDS E FELDMAN 2010).

Partindo de outra área do conhecimento, a área da Psicologia, o processo de envelhecimento foi alvo de diversos estudos¹⁴ nos últimos sessenta anos, objetivando compreender os padrões de mudanças comportamentais associados ao avançar da idade (NERI, 2013). Essa investigação teórica realizada, se ancora na busca por entender o envelhecimento para além das questões biológicas, apontando para a interdisciplinaridade da temática envelhecimento.

Neri (2013) discute, à luz da neuropsicologia, as diversas teorias psicológicas do envelhecimento que foram surgindo no decorrer dos anos, apontando suas características. Didaticamente, a autora as organizou em três categorias: teorias clássicas, teorias de transição e teorias contemporâneas. Essas teorias, diferentemente das biológicas, buscam explicar o envelhecimento a partir das alterações comportamentais que foram e são observadas durante o processo de envelhecimento e como as mesmas o justificam.

Para facilitar a compreensão e entendimento de tais teorias, mais uma vez será utilizado o recurso da tabela com um breve resumo de cada teoria (Tabela 2).

Clássicas	<i>Desenvolvimento psicológico ao longo da vida</i>	A vida é dividida em duas metades de acordo com as metas predominantes em cada uma. A primeira metade compreende a infância, adolescência e início da fase adulta (até os quarenta anos) e a segunda inicia nos quarenta anos e segue até o fim da vida
	<i>Desenvolvimento ao longo da vida</i>	Existe uma progressão ordenada de mudanças em atitudes, metas e realizações ao longo do desenvolvimento, replicando os movimentos de crescimento, culminância e contração observados no desenvolvimento biológico
	<i>Tarefas evolutivas</i>	São desafios normativos associados às idades cronológicas. Compreendem habilidades, conhecimentos, funções e atitudes que o indivíduo deve adquirir em dado momento de sua vida, sob a ação da maturação física, das perspectivas sociais e dos esforços pessoais
	<i>Estações da vida adulta</i>	É representada pelo cumprimento de tarefas evolutivas que significam conquista do <i>status</i> adulto, e a fase de contração é caracterizada como de revisão de vida

¹⁴ BALTES, P. B. Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, Vol 23, Nº 5, p. 611-626. 1987;
 CHARNESS, N. Psychological models of aging: How, who, and what? A comment. *Canadian journal on Aging*, Vol 14, Nº 1, p. 67-73. 1995;
 SCHROOTS, J. J. F. Psychological models of aging. *Canadian Journal on Aging*, Vol 14, Nº 1, p. 44-66. 1995a;
 SCHROOTS, J. J. F. Theoretical Developments in the Psychology of Aging. *The Gerontologist*, Vol 36, Nº 6, p. 742-748. 1996;
 THOMAE, H. Theory of aging and cognitive theory of personality. *Human Development*, Vol 13, p. 1-16. 1970.

Transição	<i>Psicossocial do desenvolvimento da personalidade ao longo da vida</i>	De acordo com essa teoria, o desenvolvimento pode ser descrito como sucessão de oito fases ou ciclos, cada um caracterizado pela emergência de um tema ou crise evolutiva.
	<i>Social-interacionista do desenvolvimento no curso de vida</i>	Indivíduos e coortes internalizam o relógio social ¹⁵ , que serve para regular o senso de normalidade, ajustamento e pertencimento a uma coorte. O curso de vida é construído pelas crenças sociais sobre como devem ser as biografias individuais, por sequências institucionalizadas de papéis e posições sociais, por restrições e permissões em relação aos desempenhos de papéis etários e de gênero e pelas decisões das pessoas.
Contemporânea	<i>Desenvolvimento ao longo da vida (lifespan)</i>	Considera múltiplos níveis e dimensões do desenvolvimento, visto como processo interacional, dinâmico e contextualizado. Integra a noção da existência de mudanças evolutivas de base ontogenética do paradigma de ciclos de vida com as ideias dos paradigmas de curso de vida.
	<i>Dependência comportamental ao longo da vida</i>	Em todas as fases da vida, a dependência pode assumir uma natureza que a qualifica como comportamental, para designar padrões com duas funções básicas. Uma é a obtenção de ajuda para o funcionamento em domínios prejudicados. Outra função é o controle passivo para obter contato social seguro, evitação da solidão e controle sobre o comportamento de outras pessoas.
	<i>Seletividade socioemocional ao longo da vida</i>	Na velhice, as metas de busca de informação são substituídas por metas de busca de regulação emocional. Ou seja, a redução nos contatos sociais reflete uma seleção ativa, na qual as relações sociais emocionalmente próximas são mantidas porque têm maior chance de oferecer conforto emocional.
	<i>Controle primário e secundário ao longo da vida</i>	Definem controle primário como a adequação do ambiente aos próprios desejos, e controle secundário, como a adequação de si mesmo ao ambiente. O primeiro permite aos indivíduos moldar o ambiente para controlá-lo e atualizar seu potencial de desenvolvimento. O segundo serve para minimizar e compensar as perdas em controle primário, mantê-lo e ampliá-lo. A capacidade de criar um equilíbrio ótimo entre estratégias de controle primário e secundário favorece o bem-estar subjetivo e a continuidade do desenvolvimento em domínios selecionados na velhice.
	<i>Eventos críticos ao longo da vida</i>	Esta teoria versa sobre o papel dos eventos não normativos incontroláveis, ou eventos críticos, em virtude de seu forte potencial de influenciar o curso do envelhecimento. Eventos críticos não são ocorrências isoladas, mas processos que se desdobram no tempo, têm alta saliência emocional, desafiam o ajustamento preexistente entre a pessoa e o ambiente e conduzem a comportamentos de enfrentamento que têm como objetivo restabelecer o ajustamento entre a pessoa e o ambiente.

Tabela 2. Teorias Psicológicas do Envelhecimento. Adaptado de NERI (2013)

¹⁵ Mecanismos sociais de temporalização do curso de vida individual e das coortes (Neugarten et al., 1965, apud NERI, 2013).

Procurando ainda explicar o envelhecimento, há outra vertente de teorizações sobre o mesmo. As teorias sociais do envelhecimento, que tem por característica principal, explicar o processo de envelhecimento a partir das relações da pessoa idosa com a sociedade, surgiram juntamente com a constituição da Gerontologia enquanto campo científico estruturado (DOLL ET AL, 2007).

Assim como verificado por Doll et al (2007), esta pesquisa percebeu que discutir as teorias sociais do envelhecimento configura-se como um desafio, tendo em vista a baixa quantidade de estudos e publicações que tratam dessa temática específica, principalmente em português.

Um dos trabalhos com destaque é o realizado por Siqueira (2001) onde trata de diversas características das teorias sociais do envelhecimento, buscando traçar aproximações e distanciamentos entre as mesmas. A autora apresenta também as diversas formas com que tais teorias podem ser classificadas, de acordo com o nível de análise, o período em que foi idealizada (critério de geração) e as influências exercidas (SIQUEIRA, 2001).

Considerando a classificação em critério de geração, as teorias podem ser distribuídas em três gerações. A fim de não estender a discussão a um nível que não convém a essa pesquisa, aqui serão discutidas apenas as teorias de primeira geração ou teorias clássicas, que são: teoria da atividade, teoria do desengajamento, teoria da modernização e teoria da subcultura (DOLL ET AL, 2007; SIQUEIRA, 2001).

A teoria da atividade se desenvolveu no final da década de 1940. Tendo por proposição básica, os efeitos da diminuição dos níveis de atividade sobre o surgimento de patologias; buscou associar as patologias a essa diminuição (SIQUEIRA, 2001). Para a manutenção de um autoconceito positivo e a ampliação das possibilidades de adaptação, os idosos devem substituir os papéis sociais perdidos em virtude do envelhecimento por outros (NERI, 2013). Assim, essa teoria propõe um sistema de manutenção da participação social do idoso, mesmo que em papéis sociais diferentes dos usualmente desempenhados no decorrer da vida.

Em contradição ao que estava sendo proposto

a teoria do desengajamento questionou quase todos os pressupostos gerontológicos sobre os desejos das pessoas idosas em relação ao trabalho, ao afirmar que as pessoas idosas desejam reduzir seus contatos sociais, e

que com isso se sentem mais felizes e contentes. A atividade continuada, um valor da meia idade, é questionada como um valor necessário para os idosos, pois isso leva em algum momento no processo do envelhecimento a um conflito entre a continuidade da atividade e da expansão, de um lado, e o enfrentamento subliminar com o final da vida, de outro lado (DOLL ET AL, 2007, p. 14).

Sendo o desengajamento um afastamento natural e normal das pessoas que envelhecem dos papéis sociais e das atividades da vida adulta, paralelamente a esse afastamento, ocorreria aumento da preocupação com o self e declínio do envolvimento emocional com os outros (NERI, 2013). Esse desengajamento poderia ocorrer partindo da própria pessoa que está envelhecendo, bem como da sociedade (DOLL ET AL, 2007).

A teoria da modernização descreve a relação entre a modernização e as alterações nos papéis sociais desempenhados pelos idosos e o *status* atrelado a esses indivíduos. De acordo com Siqueria (2001) o principal argumento dessa teoria é de que o *status* da pessoa idosa está diretamente relacionado ao nível de industrialização da sociedade na qual está inserido. O *status* social do idoso vai sendo modificado cronologicamente de maneira curva e não linear.

Doll et al (2007) afirma que nas sociedades primitivas, onde a caça era a principal atividade, os idosos possuíam baixo *status* social. Ao adentrar no período em que a agricultura se torna principal atividade e a posse de terra se configura como principal instrumento da economia, os idosos atingem um topo no seu *status* social, contudo, com a chegada da modernização, a agricultura decai, a urbanização aumenta, bem como os núcleos familiares e, assim, o *status* social da pessoa idosa decai fortemente.

Por último, a teoria da subcultura, apresenta como principal argumento a existência de uma cultura específica do público idoso, gerada pelo aumento das relações sociais entre eles e a exclusão dos demais segmentos e grupos sociais (SERAFIM, 2007; SIQUEIRA, 2001) o que configura o surgimento de grupos ativistas de apoio as causas do idoso, grupos de convivência e uma predileção nas relações com pessoas da mesma geração.

Encerrando as discussões sobre as teorias do envelhecimento e, a partir do que foi exposto sobre as diversas razões pelas quais o envelhecimento ocorre ou pode ser compreendido, se faz necessária a apresentação de algumas alterações

biopsicossociais que são características a esse processo, a fim de ampliar a análise do mesmo.

Alterações biopsicossociais podem ser caracterizadas por aquelas que estão relacionadas ao aspecto físico (diminuição da capacidade auditiva, cabelos esbranquiçados e etc), psicológico (aumento da incidência de depressão, etc) e social (relações familiares, relações intergeracionais, etc).

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2010) algumas mudanças físicas são características do processo de envelhecimento, apesar de ocorrerem de maneiras diferentes de indivíduo a indivíduo, pois alguns organismos entram em declínio mais rapidamente que outros, bem como situações exógenas atuantes no organismo geram, também, respostas diferentes ao envelhecimento.

O esbranquiçar dos cabelos, a perda da elasticidade e do brilho e ganho de rugas na pele, o surgimento de varizes nas pernas, as pálpebras superiores se tornam mais flácidas, diminuição da capacidade auditiva e visual, perda de massa muscular e força muscular, redução do tamanho devido à diminuição dos discos vertebrais. Essas são algumas alterações visíveis e conhecidas do senso comum, porém ainda ocorrem mudanças que afetam os órgãos internos, o cérebro, o funcionamento sexual, funcional e motor, ou seja, o organismo em geral (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010; PEREIRA, 2016).

As repercussões funcionais do envelhecimento fisiológico (senescência) do SNC¹⁶ são controversas e não afetam significativamente as funções cognitivas¹⁷. [...] Observam-se, clinicamente, lentificação no processamento cognitivo, redução da atenção (déficit atencivo), mais dificuldade no resgate das informações aprendidas (memória de trabalho) e redução da memória prospectiva (“lembrar-se de lembrar”) e da memória contextual (dificuldades com detalhes). [...] A velocidade na qual a informação é processada representa a alteração mais evidente do idoso. A lentidão cognitiva influencia todas as outras funções e pode ser responsável pelo déficit cognitivo em idosos. A lentidão no processamento de informações é observada em idosos em sua dificuldade em compreender textos, necessidade de explicações mais ricas e extensas e de mais tempo para executar cálculos (MORAES, MORAES e LIMA, 2010, p. 69).

¹⁶ Sistema Nervoso Central

¹⁷ “O termo cognição corresponde à faixa de funcionamento intelectual humano, incluindo percepção, atenção, memória, raciocínio, tomada de decisões, solução de problemas e formação de estruturas complexas do conhecimento” (MORAES, MORAES e LIMA, 2010)

As alterações físicas não são as únicas durante a chegada à velhice. De acordo com Zimerman (2000) o processo de envelhecimento traz consigo uma série de mudanças psicológicas, a saber

- dificuldade de se adaptar a novos papéis;
- falta de motivação e dificuldade de planejar o futuro;
- necessidade de trabalhar as perdas orgânicas, afetivas e sociais;
- dificuldade de se adaptar às mudanças rápidas, que têm reflexos dramáticos nos velhos;
- alterações psíquicas que exigem tratamento;
- depressão, hipocondria, somatização, paranoia, suicídios;
- baixa auto-imagem e auto-estima (ZIMERMAN, 2000, p. 25)

Essas alterações elencadas acima não são as únicas, contudo são as mais frequentemente associadas a esse processo. Ainda nesse mesmo estudo, Zimerman (2000) afirma que a hereditariedade, a história e a atitude de cada indivíduo durante o processo de envelhecimento está diretamente relacionado a como essas alterações irão aparecer ou em qual nível irão afetar a vida dos mesmos.

Papalia, Olds e Feldman (2010) afirma que essas alterações podem influenciar, ainda, a participação de idosos na busca por novos aprendizados, pois os idosos aprendem melhor quando o processo educacional considera as suas necessidades específicas e compreendem as alterações cognitivas que o processo de envelhecimento acarreta no organismo. Contudo, continuar a aprender pode proporcionar a oportunidade dos idosos permanecerem mentalmente mais alertas (PAPALIA, OLDS E FELDMAN 2010).

Há ainda uma associação do envelhecimento com a sabedoria, como se a pessoa idosa fosse, inexoravelmente, uma pessoa sábia (GONÇALVES, LAMELA E BASTOS, 2013; PAPALIA, OLDS E FELDMAN 2010). Sternberg (1998) aponta que a sabedoria pode ser compreendida como uma forma de inteligência, ligada a aspectos práticos. Isso pode estar relacionado ao que Baltes e seus colegas (1997), de acordo com Papalia, Olds e Feldman (2010), verificaram ao apontar seu *modelo de processo dual*¹⁸, argumentando que a pessoa com idade mais avançada pode possuir um maior

¹⁸ “Modelo de funcionamento cognitivo, proposto por Baltes, que identifica e busca medir duas dimensões da inteligência: mecânica e pragmática” (PAPALIA, 2010).

desenvolvimento da dimensão *pragmática da inteligência*¹⁹, o que explicaria a tendência de associar a sabedoria à pessoa idosa.

Foi verificado por Papalia, Olds e Feldman (2010), embasada no estudo de Carstensen (1996), que com a chegada da idade mais avançada as pessoas tendem a designar menos tempo para estar com outras pessoas. “A interação social está associada à saúde e ao isolamento, e é um fator de risco de mortalidade” (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010, p. 679).

Assim, o processo de envelhecimento, como visto, atua no organismo de forma profunda, alterando maneiras de funcionamento que antes eram usuais e que com a chegada da velhice vão sendo modificadas e necessitam de novas formas de lidar. As relações sociais, como por exemplo, as relações familiares, a influência da pessoa idosa sobre a educação dos mais novos, as experiências de perda de cônjuges, a aposentadoria e a relação com o trabalho e tantas outras, estão, ainda, no centro da qualidade de vida das pessoas idosas, sendo influenciadas também pelas alterações fisiológicas, cognitivas e psicológicas pelas quais o indivíduo idoso passa (GONÇALVES, 2010; MORAES, MORAES e LIMA, 2010; PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010; PEREIRA, 2016).

2.3. Concepções sobre a velhice ao longo da história e nos dias atuais

A velhice enquanto categoria social parece não existir desde os primórdios da história. Alguns autores (BEAUVOIR, 1970; LIMA e VIEGAS, 1988; SILVA, 2008) afirmam que a velhice como se conhece hoje não surgiu de forma natural, atribuindo a mesma como fruto de uma construção social, atrelada a características de cada período histórico e das diversas culturas.

Contudo um questionamento ainda se faz extremamente necessário para compreender mais sobre a temática aqui proposta: como a velhice e o idoso eram vistos no decorrer da história e como são vistos hoje nos dias atuais?

¹⁹ Dimensão da inteligência que tende a crescer com a idade e inclui pensamentos práticos, aplicação de conhecimento e habilidades técnicas, conhecimento especializado, produtividade profissional e sabedoria (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010).

Esta pergunta se depara com a dificuldade de encontrar relatos científicos concretos que datem de períodos longínquos. Isso também foi percebido por Beauvoir (1970) quando a mesma tentou traçar um perfil da velhice nas sociedades históricas²⁰. Inicialmente a autora aponta que é “impossível escrever-se uma história da velhice” (BEAUVOIR, 1970, p. 98) e que a “imagem da velhice se altera segundo as épocas e os lugares” (BEAUVOIR, 1970, p. 98).

A imagem associada a velhice em um dado momento da história não é a mesma que em outra fase histórica, bem como a percepção de uma região não necessariamente é igual a outra.

Observar a imagem relativa a velhice percebida pelos chineses confere um início favorável a essa análise. Para esses povos envelhecer se configurava como um prêmio e estava atrelado de virtude (BEAUVOIR, 1970). Da mesma forma vê-se, em diversos relatos judaicos, um alto valor atribuído mais velhos.

Em diversas passagens de trechos de textos considerados sagrados para o povo judaico, é possível ver uma alusão ao privilégio que era atingir a velhice. No livro dos provérbios, é afirmado que “uma vida longa é recompensa das pessoas honestas; os seus cabelos brancos são uma coroa de glória” (BÍBLIA SAGRADA, 2001, p. 630). Já no livro dos deuterônômios vemos que a obediência às ordenanças de Deus oferece um prêmio que se traduz numa vida longa.

Contudo, essa imagem da velhice sempre benéfica e valorosa, não está presente em todos os textos sagrados. No livro dos salmos vê-se que a vida longa é uma vida fadigada, cheia de cansaço e aflição. “Só vivemos uns setenta anos, e os mais fortes chegam aos oitenta, mas esses anos só trazem canseira e aflições. A vida passa logo, e nós desaparecemos” (BÍBLIA SAGRADA, 2001, 585).

O livro Eclesiastes apresenta, de forma metafórica, uma descrição das alterações relativas à velhice. Beauvoir (1970) apresenta uma interpretação dessa passagem realizada pelo exegeta judeu Maurice Jastrow.

Lembra-te de teu criador durante os dias de tua juventude, antes que cheguem os maus dias e que se aproximem os anos em que dirás: Não encontro aí nenhum prazer. Antes que se obscureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e que retornem as nuvens após as chuvas [redução da acuidade visual, extinção das forças intelectuais]; tempo em que os guardiões da casa

²⁰ Para isso a autora utilizou da mitologia, da literatura e da iconografia.

[os braços] se põe a tremer, em que os homens fortes [as pernas] se curvam, em que aqueles que moem [os dentes] se detêm por estarem diminuídos; quando os que olham pelas janelas [os olhos] se acham obscurecidos e os dois batentes da porta se fecham para a rua [distúrbios da digestão e micção]; quando amortece o ruído do moinho [surdez] e nos levantamos ao canto dos passarinhos [sono perturbado, madrugar]; quando enfraquecem as filhas do canto [distúrbios da elocução], quando tememos o que é elevado [falta de fôlego nas subidas], quando nos assaltam terrores pelo caminho, quando floresce a amendoeira [cabelos brancos] e se torna pesado o gafanhoto [diminuição da potência genital] ... antes que se desprenda o cordão prateado [desvio da coluna vertebral], que se quebre o vaso de ouro, se parta o balde na fonte e quebre a roda na cisterna [insuficiência do fígado e dos rins] (BEAUVOIR, 1970, p. 106).

Assim, é possível observar uma atribuição de altos valores aos idosos, contudo uma estereotipação da velhice, associando a ela um conjunto de aspectos negativos.

Os povos da Antiguidade apresentam uma relação complexa com a velhice. Vemos através da mitologia, a criação de um mundo que deriva do embate entre gerações²¹. Em Platão e Aristóteles verifica-se uma disparidade de visões sobre a velhice. De acordo com Beauvoir (1970), Platão acreditava que o dever de governar era daqueles que tivessem uma educação que se iniciava na adolescência e atingia o auge aos cinquenta anos do indivíduo, assim, os mais velhos eram os mais aptos a guiar e governar.

O envelhecimento do corpo em nada afetava as competências intelectuais, pois, para Platão, o corpo não passa de aparência. Já Aristóteles teve percepções completamente distintas de Platão, para ele a velhice só pode ser agradável se o corpo se mantiver intacto, como pode ser visto escrito em sua *Retórica*: “Bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, livre de enfermidades. Depende ao mesmo tempo das eventuais vantagens corporais e do acaso” (BEAUVOIR, 1970, p. 123).

Em Roma é vista a figura do *pater familias*, uma posição social que garante uma situação privilegiada ao idoso. Os poderes atribuídos a essa figura são quase ilimitados (BEAUVOIR, 1970). Nas peças vê-se que os jovens suportam o poder dos idosos com pesar, sendo atribuída nas tragédias, por exemplo, papéis positivos e negativos aos idosos, dependendo de características individuais da personagem – ser um sábio conselheiro ou um velho tolo e rabugento. Caecilius, autor de comédias, teceu diversas críticas contra a velhice. “O que me parece mais lamentável na velhice

²¹ Batalha entre uma entidade mais antiga com uma entidade mais jovem, onde sai vitoriosa a juventude, apontando, assim, uma superioridade da juventude sobre a velhice.

é sentir que, nesta idade, as pessoas se tornam odiosas aos olhos dos jovens” (BEAUVOIR, 1970, p. 134).

O término do mundo antigo é marcado, em geral, pela invasão dos bárbaros e a ascensão do cristianismo. Nas mitologias bárbaras vê-se, assim como nas mitologias aqui já faladas, uma batalha entre gerações, triunfando a juventude sobre a velhice.

O Baixo-Império e a Alta Idade Média, por sua vez, são marcados pela forma como os idosos tangenciavam a vida pública, pois essa era comandada pelos jovens. No seio familiar os idosos possuíam respeito e a obediência por parte dos filhos e netos. Blessmann (2003) apresenta que ao fim da Idade Média os idosos podiam se tornar poderosos devido ao acúmulo de bens. A autora afirma ainda que a identificação da velhice não estava diretamente ligada a aspectos cronológicos.

Observa-se que, os antigos não tinham como referência a idade cronológica para estabelecer a condição de velhice, o tempo de velhice poderia ser a partir dos 45 anos, considerando que, com esta idade, a pessoa já detinha saber ou propriedade, o que lhe assegurava um papel na sociedade, a longevidade era rara, poucos viviam muito mais do que isso (BLESSMANN, 2003, p. 72).

Essa relação da velhice com a sabedoria fica também evidente, como verificado por Blessmann (2003), na descrição das idades, realizada por Airès (1981).

Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada no mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivaninha, perto da lareira (AIRÈS, 1981, p. 39).

O avançar da história apresentou diversas transformações na ordem econômica, bem como, social, sendo a velhice alvo, também, dessas transformações. Blessmann (2003) e Beauvoir (1970) apontam que as melhores condições de higiene geraram um aumento das expectativas de vida, o que ocasionou um aumento do número de idosos na sociedade. Assim, não era mais “possível” ignorar a existência de tais indivíduos. Entretanto, as modificações nas formas de trabalho geram uma negativação ainda maior da imagem da velhice, e dessa forma ela foi sendo vista cada vez mais por aspectos relacionados a improdutividade, inutilidade e descarte.

Blessmann (2004) verifica ainda, que na sociedade moderna existe um predomínio da

racionalidade e o trabalho produtivo e criativo próprio para os mais jovens, então a velhice passa a ser reconhecida pela decadência física e ausência de papéis sociais. Esta é uma imagem negativa da velhice com a qual convivemos no século XX, pautada sobretudo na fragilidade biopsíquica e na decadência, resultante da perda do status, de poder econômico e social, quando o mundo passa a ser dominado por quem detém a ciência e a técnica, ou seja, os mais jovens (p. 23).

Como afirmado acima, na sociedade atual, vê-se ainda uma associação da velhice a aspectos negativos, como o desuso e o cansaço. Porém, o avanço de estudos específicos, bem como o surgimento da geriatria e gerontologia possibilitaram uma reconstrução da figura da velhice, atribuindo a essa fase da vida uma característica de possibilidades e não apenas de finitude. “Do movimento de revisão dos estereótipos associados ao envelhecimento, que verifica-se na sociedade contemporânea, resulta uma nova imagem de idoso” (BLESSMANN, 2004, p. 24).

Em um estudo realizado com crianças em idade pré-escolar, no município de Tajaperá, Mazutti e Scortegagna (2006), verificaram que apesar dos avanços obtidos ainda há uma aproximação da velhice a aspectos negativos, “a percepção da velhice é associada com doenças, fraqueza, fragilidade...” (MAZUTTI e SCORTEGAGNA, 2006, p. 108) e ainda atrelado a isso “vêm a negação e o medo das crianças dessa etapa da vida” (MAZUTTI e SCORTEGAGNA, 2006, p. 108).

As concepções sobre a velhice aqui verificadas, comprovam que o processo histórico e a cultura, afetam diretamente a maneira como o envelhecimento, o idoso e a velhice são percebidas pela humanidade.

Assim, após compreendermos os conceitos e elementos aqui descritos, fez-se imprescindível, trazer discussões sobre a relação existente entre a Educação, a Educação Física e a Velhice, como segue no próximo capítulo.

3. A EDUCAÇÃO, A EDUCAÇÃO FÍSICA E A VELHICE

A humanidade caminhou, em sua história, para uma organização social em que a responsabilidade de ensinar os conhecimentos produzidos pela humanidade cabe a uma instituição denominada escola (MANACORDA, 1997). Essa instituição também sofreu diversas modificações com o passar dos anos, com as mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas e tantas outras. Contudo tratar da escola gera a elaboração de algumas perguntas: O que é a escola? Qual sua função social? Quem são seus principais sujeitos? A fim de responder essas perguntas, a seguir, surgem algumas discussões sobre essa instituição e as suas relações com a temática dessa pesquisa.

3.1. Educação e escola

Antes de mais nada, uma conceituação sobre o que é educação surge como algo importante ao que será tratado daqui para frente. Vianna (2006) aponta que “a Educação, em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades” (VIANNA, 2006, p. 130).

A partir dessa afirmação podemos concluir que a educação é o processo de construção do conhecimento através das relações entre os homens e mulheres, possuindo uma dimensão mais ampla e uma mais restrita.

Para Paulo Freire a educação é “sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]” (FREIRE, 2000, p. 40), ou seja, a educação é um conjunto de ideias sendo praticadas, sendo essa prática dentro ou não do ambiente escolar. Assim, a educação é algo que ocorre de maneira intimamente ligada com a cultura e com a sociedade da qual se faz parte.

Falar sobre educação e escola pressupõe falar sobre a história da educação, de como a mesma se desenvolveu e chegou à sua forma atual. Manacorda (1997) em um esforço de traçar um estudo que acompanhasse a cronologia da educação, apontou diversos momentos e os relacionou com o processo educativo vigente, buscando, assim, apresentar uma história da educação palpável.

Iniciando seu percurso pelo Antigo Egito, seguindo pela Grécia, Roma, Idade Média e os séculos seguintes, Manacorda (1997) propicia uma reflexão sobre o

processo de modificação da escola e da educação. Passando de uma função estritamente formal, a educação toma um caminho que sugere uma formação mais ampla, compreendendo a escola não mais como apenas uma instituição responsável pela educação dos estudantes, mas sim como “instituição indispensável e lugar de vida das crianças e adolescentes do novo milênio” (VIOTTO, 2016, p. 362).

A compreensão de que a educação e a escola não surgem da mesma forma como hoje estão postas, se faz necessária, tendo em vista a importante necessidade de perceber a mutabilidade e maleabilidade das mesmas, pois, segundo Luckesi (1994) são os valores presentes na sociedade que norteiam a prática educacional, ou seja, é graças a essas características que a educação é diretamente influenciada pela sociedade que a concentra.

Um exemplo das influências da sociedade sobre a educação é o fato da mesma não ser politicamente neutra.

Numa sociedade em que convivem segmentos da população com interesses opostos e contraditórios, é impossível a existência de uma única educação que sirva, da mesma maneira, a todos estes grupos sociais. Ela estará sempre a favor de alguém e, por consequência, contra alguém (BARRETO, 1998, p. 61).

Entretanto, a relação da educação com a sociedade não é apenas de sofrer influências da mesma. A educação também age sobre a sociedade, gerando modificações em suas estruturas. Saviani (1999) aponta que a educação pode ser utilizada como um “instrumento de equalização social” (p. 15), ou seja, influenciando a sociedade de modo direto.

Ainda analisando a educação à luz de Saviani (1999), vemos que a mesma pode ser dividida em dois grupos, prioritariamente. Um grupo classificado como teorias não-críticas, caracterizado por entender a sociedade como

essencialmente harmoniosa, tendendo à integração de seus membros. A marginalidade é, pois, um fenômeno acidental que afeta individualmente a um número maior ou menor de seus membros o que, no entanto, constitui um desvio, uma distorção que não só pode como deve ser corrigida. A educação emerge aí como um instrumento de correção dessas distorções. Constitui, pois, uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social (p. 16).

Esse grupo é entendido como não-crítico pelo fato de compreender a educação apenas a partir de si mesma, não ampliando seu olhar para os condicionantes objetivos que influenciam a mesma.

O segundo grupo é denominado de teorias crítico-reprodutivistas, pois, segundo Saviani (1999), as mesmas analisam a educação através de elementos sociais que influenciam a mesma, “[...] isto é, aos determinantes sociais, vale dizer, à estrutura sócio-econômica que condiciona a forma de manifestação do fenômeno educativo” (p. 17). Compreendem a sociedade e a educação através de uma relação de poder, onde a educação surge como um instrumento de reafirmação do poder dos dominantes.

Concebe a sociedade como sendo essencialmente marcada pela divisão entre grupos ou classes antagônicos que se relacionam à base da força, a qual se manifesta fundamentalmente nas condições de produção da vida material. Nesse quadro, a marginalidade é entendida como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade. Isto porque o grupo ou classe que detém maior força se converte em dominante se apropriando dos resultados da produção social tendendo, em consequência, a relegar os demais à condição de marginalizados. Nesse contexto, a educação é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, cumprindo aí a função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização (SAVIANI, 1999, p. 17).

Mais adiante, Saviani (1999) aponta a necessidade de a educação assumir uma postura crítica (não apenas reprodutivista), que parta dos interesses dos dominados, “[...] colocando nas mãos dos educadores uma arma de luta capaz de permitir-lhes o exercício de um poder real, ainda que limitado (SAVIANI, 1999, p. 17).

Uma teoria crítica da educação, como apresentado anteriormente, traz em si interesses que divergem dos interesses das classes dominantes, e isso deve se manifestar na finalidade da mesma, tanto na educação escolar quanto na educação em diversos outros espaços.

Dentro dessa relação entre a educação e a resistência dos menos favorecidos, outro ponto importante a ser discutido sobre a educação é sua finalidade. Como já aqui apresentado, Paulo Freire compreendia a educação como uma “Teoria do conhecimento posta em prática” (FREIRE, 2000, p. 40), sendo esse conhecimento “[...] produto das relações dos seres humanos entre si e com o mundo” (BARRETO,

1998, p. 60), sendo assim, as pessoas não são o produto do processo educativo, elas são os sujeitos do mesmo, pois é através da ação de se relacionarem que

homens e mulheres se confrontam com a necessidade de aprender e constroem Conhecimento. Portanto, sendo próprio dos seres humanos agir no mundo, todas as pessoas têm Conhecimentos. Ninguém é vazio dele. Embora seja verdade que as pessoas não conhecem de modo igual e que isto as torna diferentes umas das outras, esta diferença não justifica nenhuma superioridade, já que sempre será possível conhecer mais e melhor qualquer objeto do Conhecimento (BARRETO, 1998, p.61)

Assim “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis [...]” (FREIRE, 1987, p. 39).

Tal realidade favorece a visualização de um processo educativo não verticalizado, onde alguém detém o conhecimento e outrem não detém. Na visão de Paulo Freire, afirma Barreto (1998), o diálogo entre os sujeitos do processo educativo é mais do que um instrumento pedagógico, ele é uma exigência da própria humanidade. Esse diálogo, contudo, não é um “falar por falar”, deve ser exigente, buscando os desafios que geram o conhecimento.

Ensinar, segundo Freire (2002), não é transferir conhecimentos, pois está além da simples passagem de um ao outro, assim, não sendo reduzidos “[...] à condição de objeto, um do outro” (p. 12). Durante o processo educativo à uma simbiose dos papéis de educador e educando.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto *direto* – *alguma coisa* – e um objeto *indireto* – *a alguém* [...] Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender (FREIRE, 2002, p. 12).

Essas diversas inferências aqui realizadas provocam uma inclinação para uma perspectiva de educação e escola que se construiu no decorrer da história, que vai além, ao compreender o educando como um ser possuidor de conhecimento e não o contrário.

Ao considerar o processo educativo não como a passagem de conhecimento de um para outro, mas sim como a construção do conhecimento pelas relações sociais, faz-se interessante analisar dois dos principais sujeitos que constituem a escola: o professor e o aluno, considerando que os dois são os atores mais protagonistas no processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar.

Como visto em Freire (2002), a educação não ocorre de um sobre o outro e sim de um para o outro (Figura 03). Essa relação não deve ocorrer embasada no autoritarismo e sim pautada na dialogicidade, na realidade do aluno e na criticidade (FREIRE, 2002).

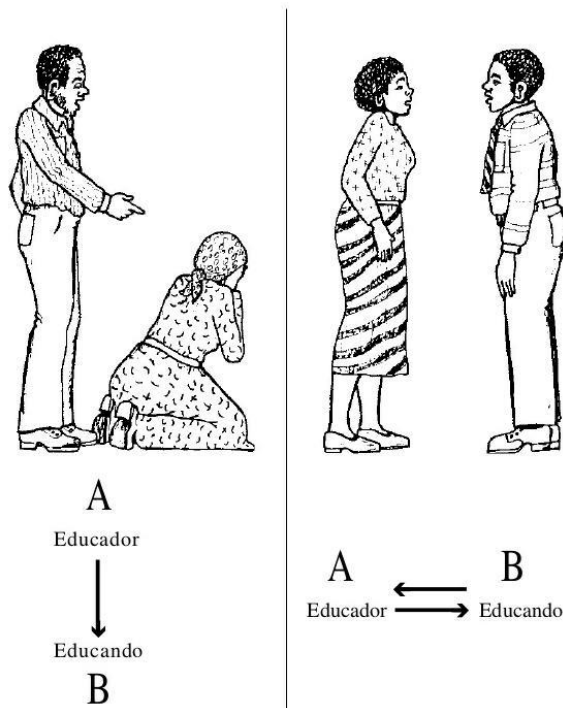


Figura 3. Relação educador educando na perspectiva vertical e horizontal Extraído do livro “Paulo Freire para Educadores” da autora Vera Barreto

Analisando ainda essa relação, de acordo com Cortella (1997), pelo fato do conhecimento ser tratado como algo quase mágico, transcendental, houve um processo de afastamento entre o ensino de algumas teorias e o ensino do processo para construção dessas teorias, o que tornou a concepção de tais teorias algo diretamente ligado a “genialidade” de alguns cientistas e não ao processo de estudos e preparo anterior. Dessa forma, os alunos vislumbravam o conhecimento através de uma lente que mais distanciava do que elucidava suas dúvidas e anseios.

Tardif (2002) compreende que o professor ocupa uma posição estratégica dentro da sociedade, sendo assim, o mesmo aparece como protagonista do processo educativo (em conjunto com os alunos), e é dentro desse contexto educacional que o mesmo deve pautar sua prática em algumas reflexões. Sobre isso vemos a necessidade, segundo Santiago (2006), inspirada em Freire (1996), de compreender que

ensinar exige escutar; liberdade e autoridade; exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; assim como exige a disponibilidade para o diálogo, além de querer bem as/aos educandos(as) [...] a educação e o trabalho docente exigem amorosidade. Amorosidade entendida como compromisso com as pessoas, como ato de coragem, como exercício de liberdade, como prática dialógica. Amorosidade numa perspectiva multidimensional que leve em consideração as dimensões afetiva, epistemológica, política e pedagógica. Amorosidade como formulação-busca-produção-socialização do conhecimento (SANTIAGO, 2006, p. 115).

Dessa forma, a relação entre os professores e os alunos pautada nesses preceitos, trilha um caminho onde o que é ensinado e o que é aprendido assume um papel relevante dentro da realidade de cada um desses indivíduos, gerando uma atmosfera em que o processo educativo possa se tornar algo atrativo e interessante.

3.2. Educação física, velhice e documentos oficiais

Historicamente²², a Educação Física enquanto um componente curricular chegou às escolas brasileiras em meados do século XIX, tendo como personagens principais os médicos e os militares, que tinham como influências os estudos e discursos de teóricos europeus (SOARES, 1994).

Por tempos a visão dualista de homem foi o que direcionou as práticas pedagógicas e as teorias metodológicas da educação, tratando o homem como um produto de reações biológicas, reações estas, que justificavam o trato para com os mesmos. Nesta perspectiva, o nascimento da Educação Física, segundo Bracht (1999)

se deu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, com uma educação estética (da sensibilidade) que permitisse uma adequada adaptação ao processo produtivo ou a uma perspectiva política nacionalista, e, por outro, foi também legitimado pelo conhecimento médico-científico do corpo que referendava as

²² Não é o objetivo desse trabalho analisar em profundidade a história da Educação Física, contudo, sugerimos a leitura de Castellani Filho (2008), Soares (1994) e Ghiraldelli Júnior (2007) para uma maior compreensão e aprofundamento da mesma.

possibilidades, a necessidade e as vantagens de tal intervenção sobre o corpo (p. 73).

Esta perspectiva da Educação Física se justificava em discursos médico-higienistas e na atuação dos militares como os que viriam a promover o trabalho corporal que atendesse as demandas desta visão, ou seja, educar para a produção, pois

educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos). Essa saúde ou virilidade (força) também pode ser (e foi) ressignificada numa perspectiva nacionalista/patriótica (BRACHT, 1999, p. 73).

Com o passar dos anos foram ocorrendo diversas modificações na dinâmica escolar, bem como nos objetivos da educação. Um exemplo dessas modificações é a organização e constituição da pedagogia histórico-crítica, realizada por Demerval Saviani. Visando romper as amarras de propostas pedagógicas que não propunham uma educação crítica, associada a realidade e que buscasse a superação de paradigmas e desigualdades cristalizados na sociedade, Saviani (1999), entendia que

uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos situar-se-ão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (SAVIANI, 1999, p. 79).

A Educação Física não ficou de fora desse movimento. Segundo Medina (2007), a Educação entrou em uma verdadeira “crise de identidade”, onde necessitou toda uma reformulação para poder dar conta das demandas desse novo momento educacional. Assim, nas décadas de 1970 e 1980 houve, segundo Bracht (1999), um grande avanço nos estudos específicos na área da Educação Física, principalmente, devido à função social da escola e de como a mesma se relacionava com esta função, sendo parte constituinte dela ou apenas focando a aptidão física. Assim surgem diversas abordagens metodológicas para o trabalho com a educação física escolar,

cada um com suas especificidades de objeto de estudo e de objetivos. Surge então uma nova imagem da educação física. Ela vai deixando, aos poucos, de ser uma ferramenta que atendia a demais interesses e passa a ser, relativamente, autônoma, independente, com suas próprias inquietações e objetivos (PERNAMBUCO, 2013; SOARES, 1994).

Seguindo nessa linha de novas proposições para a Educação Física, articulada a proposta pedagógica organizada por Demerval Saviani (1999), surge a perspectiva crítico-superadora da Educação Física.

A perspectiva crítico-superadora de Educação Física alinha-se à chamada Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) de Dermeval Saviani. Busca propor novos caminhos para a apropriação do conhecimento na escola, inclusive pela organização metodológica fundamentada nos cinco passos metodológicos do método dialético de transmissão do conhecimento, a saber: identificação da prática social, problematização, instrumentalização, catarse e retorno à prática social (PERNAMBUCO, 2013, pp. 16-17).

A Perspectiva crítico-superadora propõe-se a lidar com os tempos pedagógicos de forma a evidenciar uma maior articulação entre o Projeto Político Pedagógico da escola e o trabalho pedagógico do próprio docente. A partir disto organiza-se de forma a atender uma ordem de momentos de aprendizagem que ocorrem durante as aulas, que, nesta perspectiva, são divididos em: contextualização do conhecimento; o confronto dos saberes; a organização e reorganização do conhecimento; a síntese avaliativa. A seguir há um breve resumo do que cada um deste momentos evidencia.

A contextualização do conhecimento baseada na historicidade do conteúdo trabalhado nas aulas, oriundo do real, da prática social, provocando a curiosidade dos estudantes é o momento da socialização dos objetivos e do conteúdo historicamente situado, refletindo sobre as características, os sentidos e os significados da realidade em estudo [...] *O Confronto dos Saberes*, tendo a negociação, o diálogo, enquanto segundo momento metodológico problematiza o conhecimento e estabelece a relação de troca entre professor e estudante, estudante e estudante, estudantes e comunidade escolar [...] *A Organização e Reorganização do conhecimento* é o momento metodológico, no qual o professor instrumentaliza o estudante visando à apropriação da realidade em estudo, ensinando o conteúdo e questionando seu significado central, seus sentidos e a importância do mesmo, instigando os estudantes a formarem conceitos, processos, capacidades, atitudes, habilidades [...] *A Síntese Avaliativa* é o momento

metodológico que concretiza os objetivos propostos, alterando a qualidade do conteúdo (PERNAMBUCO, 2013, p. 17-19).

Desta forma, a associação da pedagogia histórico-crítica com a perspectiva crítico-superadora da educação física possibilita ao docente tratar o conhecimento de forma científica, ampliando cada vez mais o repertório de saberes dos estudantes, buscando assim contribuir para a alteração da realidade, partindo dos dados da realidade e tendo estes dados como base de trabalho.²³

O advento da educação como um direito constitucional necessitou de um conjunto de regulamentações que garantam a qualidade e a efetivação da educação enquanto um direito. Sendo uma dessas regulamentações, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), compostas por um conjunto de direcionamentos obrigatórios que necessitam ser seguidos pelas escolas, municípios e estados na construção e organização do seu currículo. No que se refere às temáticas que devem estar presentes nos currículos escolares, existem, ainda, além do que é previsto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), diversas outras leis que complementam a LDB, como é o caso da Lei nº 10.741/2003, mais conhecida como Estatuto do Idoso²⁴. Dessa forma a LDB possibilita uma ampliação das temáticas presentes nas escolas, pois torna possível tratar

temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, [...] preservação do meio ambiente, [...] educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, diversidade cultural, [...] temas relativos à educação para o trânsito [...] e à condição e direitos dos idosos [...] (BRASIL, 2013, p. 115)

Atualmente, no Estado de Pernambuco, a Educação Física é balizada pelo Parâmetros para Educação Básica do Estado de Pernambuco (PCPE). Esse documento tem por objetivo orientar os professores no processo de ensino-aprendizagem e a prática pedagógica no cotidiano escolar (PERNAMBUCO, 2013).

²³ A ênfase dada aqui à perspectiva crítico-superadora se deve ao fato de a mesma ser a abordagem que aparece com maior frequência nos documentos oficiais que regem a educação física no estado de Pernambuco.

²⁴ Como já abordado aqui, o Estatuto do Idoso afirma que é obrigatória a inclusão da temática envelhecimento dentro de todo o currículo da educação básica, a fim de promover conscientização e romper com ageísmos existentes na sociedade.

Os PCPE apresentam em sua organização um *hall* de expectativas de aprendizagens (EAs) que devem ser levadas em consideração no planejamento das aulas e nas avaliações realizadas pelas escolas e, mais especificamente, pelos professores.

Algumas EAs propõem relações de conteúdos específicos com outros temas, como pode-se ver a seguir:

EA12 - Sistematizar as referências sobre as atividades esportivas que desenvolvem as capacidades físicas/condicionantes (flexibilidade, força, resistência, agilidade, velocidade) e coordenativas (equilíbrio, lateralidade, ritmo, coordenação), bem como, a compreensão dos principais benefícios do alongamento, do aquecimento e do relaxamento, vivenciando-os nas referidas práticas

EA15 – Relacionar a prática das atividades esportivas a outros saberes escolares (biológicos, fisiológicos, filosóficos, linguísticos e outros)

EA20- Refletir sobre os valores (re)produzidos no esporte: morais, éticos, estereótipos, preconceitos e discriminações relacionados à prática do esporte na sociedade (PERNAMBUCO, 2013, p. 59-60).

As relações entre a Educação Física e diversos outros temas não oriundos de sua especificidade enriquece ainda mais o processo de ensino-aprendizagem, pois, segundo Darido (2012), nesse processo de incluir tais temas nas aulas de educação física, elegeu-se fornecer auxílio à sociedade no tratamento de seus problemas sociais. “Assim, ensinar Educação Física não significa tratar apenas de técnicas e táticas, mais do que isso, significa oferecer uma formação ampla voltada à formação do cidadão crítico” (DARIDO, 2012, p. 78).

Dessa maneira

propicia desenvolver empatia e respeito pelo outro, pelo que é diferente de nós, [...] leva a conhecer as razões dos conflitos que se escondem por trás dos preconceitos e discriminações que alimentam as desigualdades sociais, étnico-raciais, de gênero e diversidade sexual, das pessoas com deficiência e outras, assim como os processos de dominação que têm, historicamente, reservado a poucos o direito de aprender, que é de todos (BRASIL, 2013, 115).

Essa explanação torna possível perceber a importância de a Educação Física ir além do ensino da técnica e ampliar seu *hall* de conteúdos e interações.

Inversamente proporcional a importância dada aos temas transversais²⁵, o processo de envelhecimento, bem como a velhice e o idoso, não estão contidos dentro dessas EAs de forma direta ou objetiva, ou dentro do documento que rege a educação física escolar no Estado de Pernambuco (os PCPE). Essa ausência de clareza de como, onde e quando tratar essa temática na escola reflete o que foi percebido por Todaro (2008), ao avaliar a atitude de crianças escolares sobre a velhice. Essa autora percebeu que o silenciamento dessa temática na escola levava a uma atitude que podia ser modificada com o trato de tal temática, gerando assim uma atitude mais positiva em relação à velhice daqueles a quem não foi negado esse conhecimento.

Como já foi aqui apresentado, as teorias críticas da educação surgem em um contexto de superação das opressões que, socialmente, foram sendo construídas e se enraizaram no modo como a sociedade lida com as mais diversas questões. Dessa forma, ao compreendermos que o idoso sofre diariamente com o preconceito e estereótipos negativos, podemos dizer que os mesmos compõem um grupo que lida também com essa relação opressor-oprimido²⁶. Sendo assim, a educação crítica, que procura promover a superação das opressões, precisa atuar também no que se refere as questões relacionadas ao envelhecimento.

De acordo com Zabala (1998) os conteúdos trabalhados nas aulas devem envolver todas as dimensões da pessoa, para tal, sugere a classificação dos mesmos em três tipos: procedimental²⁷, conceitual²⁸ e atitudinal²⁹. Essa classificação favorece um planejamento a partir de uma teoria crítica da educação, pois possibilita problematizar questões que vão além do fazer pelo fazer, bem como, ampliam a ideia sobre o que deve ser ensinado nas aulas.

Todaro (2008) verifica em sua tese que, em sua maioria, os conteúdos atitudinais, são mais trabalhados na escola por dentro dos temas transversais, com ênfase no ensino fundamental. Assim, tratar da velhice e as questões relacionadas à

²⁵ Considerando por temas transversais os temas não oriundos da especificidade do componente curricular, mas que tem direta relação com a realidade do estudante e da sociedade (DARIDO, 2012)

²⁶ Principalmente quando se leva em consideração a relação que a sociedade faz entre o idoso e a produtividade, associando, por vezes, o mesmo como algo improdutivo e, assim, deixando o mesmo de lado.

²⁷ Conteúdos relacionados à operacionalização, a ação, ao fazer.

²⁸ Conteúdos relacionados aos conceitos, aspectos teóricos e históricos.

²⁹ Conteúdos relacionados aos valores e atitudes.

velhice encontra um terreno mais propício por dentro dos temas transversais, porém com ações eficientes e planejadas e não sendo deixado à caso do espontaneísmo.

Para aumentar sua eficácia, é desejável que busquem oportunidades para fortalecer atitudes de respeito às diferenças etárias e à heterogeneidade da velhice, para promover reflexão sobre crenças e para comprometer-se com a formação para a cidadania. Para as crianças, a participação em projetos que promovem o debate sobre os idosos e as questões intergeracionais representa a possibilidade de participar da construção do seu próprio desenvolvimento como cidadão crítico (TODARO, 2008, p. 29)

Dessa maneira a ação educativa gerontológica não apenas irá ensinar as crianças o que é ser idoso, mas vai promover seu desenvolvimento enquanto cidadão, buscando problematizar sua própria realidade e, através do que for aprendendo, será capaz de modificar, inclusive, sua própria realidade, ou seja, atuar na sociedade.

Para além do aspecto atitudinal, o trato dessa temática na escola contribuirá, ainda, para a própria percepção sobre o envelhecimento de cada um. Pois, o processo de envelhecimento em si, bem como as alterações biopsicossociais pelas quais a pessoa passa ao envelhecer, por vezes, são temidas, como apontado por Beauvoir (1970) e Newman, Faux e Larimer (1997). Assim sendo, aprender sobre essa temática poderia promover uma menor associação de velhice apenas as possíveis perdas que venham a ocorrer, sendo possível ampliar a visão sobre o envelhecimento para as possibilidades, trazendo assim a imagem mais próxima do real e não ficando preso aos estereótipos propagados socialmente.

4. METODOLOGIA

O caminho metodológico traçado para essa pesquisa se iniciou no processo de compreensão do próprio sentido e significado do que é a pesquisa, a metodologia e todo o processo de investigação científica. Assim, aqui será apresentado um conjunto de referências utilizadas para direcionar todo o percurso da pesquisa em questão, as escolhas metodológicas, bem como, o caminho traçado para alcançar os objetivos propostos. Para tanto, a fim de melhor organização, essa parte do texto foi dividida em quatro momentos: a pesquisa científica; o campo de pesquisa; os instrumentos de coleta; a técnica de análise.

4.1. A pesquisa científica

Primeiramente, a compreensão do que é pesquisa aqui utilizado, surgiu como um direcionador. Utilizamos a ideia de Gil (2002), que apresenta de forma clara e objetiva qual seu conceito de pesquisa. Para tal autor, a pesquisa é “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (p. 17), sendo necessária quando as informações disponíveis não dão conta de solucionar um determinado problema, bem como, quando não há uma ordem nas informações disponíveis que impossibilite as mesmas de serem relacionadas ao problema.

As razões que levam um indivíduo a pesquisar são as mais diversas, contudo, segundo Gil (2002), podem ser agrupados em duas categorias: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática. A primeira categoria diz respeito ao interesse em saber algo pelo prazer de saber, pela satisfação, simplesmente pelo próprio conhecimento, já a segunda categoria se refere ao desejo de investigar algo para tornar o fazer algo sobre tal coisa mais eficaz, mais eficiente.

Um segundo conceito a ser apresentado é o de metodologia. O conceito aqui trazido afirma que a mesma é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2001, p. 16), tendo incluso em si, ainda de acordo com Minayo (2001), as diversas concepções teóricas de abordagem, as técnicas que tornam possível a construção da realidade da pesquisa e o potencial criativo do próprio pesquisador.

Contribuindo ainda para o entendimento do que é a metodologia, valemo-nos de Gerhardt e Silveira (2009), ao afirmarem que a metodologia é “o estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas” (p. 11).

A metodologia, como aqui apresentado, é formada por um conjunto de elementos que possibilitam uma aproximação do problema mais eficiente, levando, assim a uma maior responsabilidade no processo de pesquisar. Um desses elementos que compõe a metodologia são as concepções teóricas das abordagens.

No tocante a abordagem dessa pesquisa, foi selecionada a abordagem qualitativa, tendo em vista que o objetivo desse trabalho não se resume aos números e médias obtidos, e sim a um conjunto de sentidos e significados por trás dos dados coletados. Essa escolha de abordagem levou em consideração que

ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

Em consonância, Gerhardt e Silveira (2009), afirmam que “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (p. 32). Dessa forma, a abordagem qualitativa foi a que mais forneceu base para que os objetivos elencados para esse trabalho pudessem ser atingidos.

Em relação à classificação dessa pesquisa, a mesma se expressa como uma pesquisa exploratória, tendo em vista que teve como ponto de partida, indagações sobre um tema com o qual não se havia maiores aproximações, pois as pesquisas exploratórias, de acordo com Gil (2002) “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais claro ou a construir hipóteses (p. 41). E se situou, ainda, como uma pesquisa descritiva, pois, buscou analisar características específicas de um determinado grupo, dessa forma, estando em conformidade com o objetivo primordial da pesquisa descritiva que consiste na “descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então o estabelecimento entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Ao que se refere a fase exploratória, foi realizada uma busca em revistas com distribuição digital na área da Educação Física, Educação e Gerontologia (Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista Movimento; Revista Motrivivência; Revista

Brasileira de Educação; Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia). Foram utilizados os descritores: atitude; criança; idoso e velhice. Os descritores foram inseridos nas buscas em conjunto de três ou dois, a fim de ampliar as possibilidades de trabalhos encontrados. Entretanto o que foi verificado é que nas referidas revistas não haviam publicações que se encaixassem nesses descritores.

Esse achado ocasionou uma ampliação das buscas de referências a revistas de outras áreas ou interdisciplinares, bem como a revistas internacionais.

Utilizando os mesmos descritores³⁰ foi realizada uma busca em outras três revistas (Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento; The Gerontologist; Educational Gerontology). Em uma primeira busca foram encontrados cento e oitenta e oito (188) artigos na revista The Gerontologist e quinhentos e sessenta e quatro (564) na revista Educational Gerontology e nenhum artigo associado a esses descritores na Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento. Porém ao inserir o filtro que selecionava apenas os trabalhos com acesso livre, esse resultado caiu para cinco (5) trabalhos na The Gerontologist, contudo, os mesmos não traziam uma aproximação direta com a temática dessa pesquisa, pois tratavam de questões mais ligadas a saúde dos idosos e perspectivas geriátricas.

Dessa forma foi realizada uma busca mais geral em duas bases de dados (SciELO; BIREME). Ao utilizar os descritores na busca, não foi encontrado nenhum trabalho na SciELO, entretanto, na BIREME foram encontrados três (3) artigos que tinham uma aproximação direta com a temática aqui proposta. O primeiro e o segundo trabalho tratam sobre a avaliação das atitudes de crianças que convivem com idosos em relação à velhice^{31 32} e o terceiro traz uma discussão sobre as alterações cognitivas de idosos em contexto familiar e a atitude das crianças que conviviam com eles³³. Contudo, todos os artigos encontrados são de revistas de enfermagem e oriundos de trabalhos de pós-graduação de uma das autoras.

³⁰ Realizando apenas a tradução para o inglês nas buscas em revistas internacionais e estipulando um marco temporal de dez anos entre a data da busca e a publicação.

³¹ LUCHESI, B. M; DUPAS, G; PAVARINI, S. C. I. **Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice.** Rev. Gaúcha Enferm. Vol 33, Nº 4, p. 33-40, 2012;

³² OLIVEIRA, N. A; LUCHESI, B. M; INOUE, K; BARHAM, E. J; PAVARINI, S. C. I. **Avaliação da atitude das crianças que convivem com idosos em relação à velhice.** Acta Paul. Enferm. Vol 28, Nº 1, p. 87-94, 2015;

³³ LUCHESI, B. M; PAVARINI, S. C. I; VIANA, A. L. **Alterações cognitivas de idosos em contexto domiciliar e atitudes de crianças em relação à velhice.** Rev. Esc. Enferm. Vol 46, Nº 2, p. 335-342, 2012;

4.2. Campo e sujeitos da pesquisa

De acordo com Gil (2002), a seleção do campo e dos sujeitos de pesquisa precisa levar em conta fatores que possibilitem ao pesquisador lidar com o máximo de fidedignidade com a realidade do seu problema. Dessa forma é necessária a elaboração de critérios que tornem bem definida a escolha de ambos.

4.2.1. Seleção do Campo de pesquisa

Ao analisar algumas referências que tratavam sobre a avaliação de atitudes de crianças e verificando a preponderância de estudos com crianças com idade média de nove anos, foi identificado a relevância em avaliar as atitudes das crianças que frequentam o ensino fundamental anos iniciais.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa através de sites da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEEPE) para verificar quais escolas geridas por tal secretaria ofertavam o ensino fundamental anos iniciais. Diante da dificuldade de acessar tais dados, foi realizada uma visita à sede da SEEPE com um ofício (Apêndice A) solicitando tal informação.

A partir da resposta (Anexo A) da SEEPE foram estabelecidos critérios para que as escolas fossem selecionadas. O primeiro, como já apontado aqui, era ser uma escola gerida pela SEEPE e que ofertasse o ensino fundamental anos iniciais, o segundo critério era estar situada na cidade do Recife e o terceiro critério foi não possuir outro tipo de origem da verba, sendo assim, toda a renda oriunda do financiamento escolar público. Esses critérios se basearam, primeiramente, na aproximação durante a graduação, com o trabalho em escolas públicas, através de estágio e projetos acadêmicos. Em segundo lugar, partiram da compreensão de que a existência de mais de uma origem de renda na escola poderia alterar a realidade escolar, no sentido de que uma maior arrecadação de verba poderia possibilitar maiores possibilidades de investimentos. Dessa forma, apenas duas escolas atenderam aos critérios dessa pesquisa, constituindo, assim, o campo de pesquisa.

Após a identificação das escolas, ocorreu um primeiro contato para solicitar uma visita, sendo entregue um ofício (Apêndice B) onde estava descrita a proposta da pesquisa e qual seria a participação da escola na mesma. Foi garantida, ainda, que

não seria divulgado o nome das escolas nem dos sujeitos que participassem da pesquisa.

4.2.2. Seleção dos sujeitos da pesquisa

Da mesma forma que foram estabelecidos um conjunto de critérios para a seleção do campo de pesquisa, o processo de seleção dos sujeitos da pesquisa seguiu o mesmo rigor.

Inicialmente levou-se em consideração o fato de que as atitudes, conforme apresentado por Aronson (1976), citado por Newman, Faux e Larimer (1997), são resistentes a serem mudadas e as pessoas, de modo geral se esforçam para mantê-las. Também se considerou o fato de que com o passar dos anos e com a entrada na escola, as crianças tendem a desenvolver atitudes negativas em relação à velhice (NEWMAN, FAUX e LARIMER, 1997). Sendo assim, viu-se a importância em analisar as atitudes das crianças, por considerar que seria relevante analisar as atitudes dessa fase do desenvolvimento em específico.

Em primeiro lugar foi estabelecido que as crianças precisavam saber ler, tendo em vista o instrumento de coleta a ser utilizado. Para dar conta dessa necessidade, foi determinado que as crianças que participariam da pesquisa precisavam estar matriculadas nos quartos e quintos anos. Outro elemento ainda foi levado em conta na seleção dos sujeitos. As crianças precisavam estar matriculadas no turno da manhã, pois esse era o turno que apresentava maior quantitativo de crianças em ambas as escolas.

O primeiro contato com os sujeitos foi através de uma conversa, onde foi apresentada a pesquisa, o objetivo geral da mesma³⁴. Em seguida, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menores de idade (Apêndice C) onde constavam informações sobre a pesquisa, sobre o pesquisador, sobre a orientadora e a participação da criança. Foi solicitado que cada criança levasse o termo para os pais, solicitassem que os mesmos fizessem a leitura do mesmo e, caso fossem favoráveis a participação, assinassem e entregassem na semana seguinte. Ao todo foram entregues cento e sessenta e quatro (164) termos.

Do total de termos entregues, apenas noventa e dois (92) apresentaram o mesmo com a assinatura autorizando a participação. Dessa forma, a amostra da

³⁴ Esse objetivo foi apresentado de forma mais lúdica, a fim de que as crianças compreendessem de que se tratava a pesquisa.

pesquisa foi composta por esses alunos. O contato seguinte com os alunos foi para a explicação e aplicação do instrumento de coleta.

4.3. Instrumento de coleta

A pesquisa necessita de uma organização prévia que possibilite a seleção de forma que torne efetiva e eficiente a obtenção dos dados necessários para dar conta do problema e das hipóteses levantadas durante a pesquisa. Ou seja, é importante durante a escolha do meio de coleta de dados projetar quais tipos de dados se espera obter de acordo com a problemática estabelecida e das hipóteses levantadas (GERHARDT E SILVEIRA, 2009).

Dessa forma, ao verificar os instrumentos de coletas utilizados em outros estudos analisados, foi selecionado o questionário, que, segundo Molina Neto e Trivinos (2010), ao citar Hayman (1974), corresponde a uma lista de perguntas mediante a qual se obtém informações de um sujeito ou grupo de sujeitos.

O questionário utilizado nessa pesquisa (Apêndice D) foi dividido em duas partes. A primeira parte corresponde a questões que versam sobre a identificação do participante (mantendo o anonimato do mesmo), a escolaridade e a convivência diária com idosos. A segunda parte foi composta por uma escala³⁵.

A escala selecionada para fazer parte do questionário foi a Escala Todaro (Anexo B). A mesma, uma escala diferencial semântica³⁶, consiste em uma adaptação construída a partir da Escala Neri³⁷ (Anexo C), a qual avalia a atitude de crianças em relação à velhice. Essa escala possui um total de quatorze pares de adjetivos antagônicos dispostos em quatro categorias (cognição, agência, relacionamento social e persona) e disposta em três níveis de intensidade. A seleção de um dos adjetivos de cada par deve ser relacionada a afirmação: Os Idosos são.

³⁵ Escalas são instrumentos de avaliação psicológica em que o respondente atribui pesos ou graus de intensidade a elementos que lhe são oferecidos para julgar, os quais lhe são apresentados sob a forma de uma sequência de itens escolhidos com base em uma teoria e em pesquisa empírica (TODARO, 2017, p. 141)

³⁶ Uma escala diferencial semântica busca medir a reação das pessoas expostas a palavras e conceitos por meio de escalas bipolares, definida com adjetivos antônimos em seus extremos. (ANDRADE et al., 2009)

³⁷ Escala diferencial semântica brasileira mais utilizada para avaliar a atitude de pessoal em relação à velhice, composta por trinta pares de adjetivos antagônicos, com cinco níveis de intensidade (em sua versão reformulada).

Cada categoria na escala corresponde a uma dimensão do idoso, da velhice ou do envelhecimento. As categorias presentes na Escala Todaro são as mesmas da Escala Neri, bem como a que cada uma se relaciona. Luchesi, Dupas e Pavarini (2012), apresenta em sua pesquisa, inspirada em Neri (1991) uma forma didática de compreender cada uma das categorias.

cognição, que se refere à capacidade de processar informações e solucionar problemas; agência, que se refere à autonomia e instrumentalidade para realizar ações; relacionamento social que está relacionado à aspectos afetivo-emocionais; e persona, que abrange rótulos sociais utilizados para designar idosos (LUCHESE, DUPAS E PAVARINI, 2012, p. 35).

Os pares que compõem a Escala Todaro são: sábios-bobos, claros-confusos, inseguros-seguros, lentos-rápidos, criativos-sem criatividade, atentos-distraídos (cognição); alegres-tristes, doentes-saudáveis (agência); bem-humorados-mal-humorados, colocados de lado-aceitos, valorizados-maltratados (relacionamento social); legais-chatos, bonzinhos-bravos, pães-duros-mãos-abertas (persona).

A escolha da Escala Todaro se deu pela eficácia dos resultados verificados nas aplicações da mesma em outras pesquisas que tratavam de temática semelhante à nossa, bem como por causa da origem e processo de construção da mesma. Entretanto, por compreendermos que a velhice é uma fase da vida permeada por diversos fatores que a influenciam, entendemos que uma escala diferencial semântica pode não trazer todos os elementos que estão ligados à velhice e que se acham nas entrelinhas desse momento do desenvolvimento humano. Porém, a partir das análises subjetivas, buscou-se dar conta desses aspectos nesta pesquisa.

4.4. Técnica de análise

Diante da coleta de dados é necessário atribuir uma maneira para analisar os mesmos, a fim de que sejam aproveitados ao máximo. A análise dos dados

tem como objetivo compreender o que foi coletado, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e ampliar a compreensão de contextos para além do que se pode verificar nas aparências do fenômeno (SOUZA JÚNIOR, MELO E SANTIAGO, 2010, p. 34)

A análise de conteúdo vem sendo uma escolha amplamente difundida nas pesquisas em educação física escolar (SOUZA JÚNIOR, MELO E SANTIAGO, 2010).

Seguindo essa tendência, essa pesquisa utilizou a análise de conteúdo como método para analisar os dados que emergiram da pesquisa.

Segundo Bardin (2010), a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras (quantitativas ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 44).

A Análise de conteúdo pode ser dividida em três fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos dados e interpretação (BARDIN, 2010). Souza Júnior, Melo e Santiago (2010) construíram uma organização dessas etapas de forma que se possa visualizar cada uma das fases e com os processos que envolvem cada uma (Tabela 3)

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
1ª etapa: pré-análise	*Retomada do objeto e objetivos da pesquisa; *Escolha inicial dos documentos; *Construção inicial de indicadores para a análise: definição de unidades de registro - palavras-chave ou frases; e de unidade de contexto - delimitação do contexto (se necessário);	*Leitura fluante: primeiro contato com os textos, captando o conteúdo genericamente, sem maiores preocupações técnicas *Constituição do corpus: seguir normas de validade: 1- Exaustividade - dar conta do roteiro; 2- Representatividade - dar conta do universo pretendido; 3- Homogeneidade - coerência interna de temas, técnicas e interlocutores; 4- Pertinência - adequação ao objeto e objetivos do estudo.
2ª etapa: Exploração do material	*Referenciação dos índices e a elaboração de indicadores - recortes do texto e categorização; *Preparação e exploração do material - alinhamento;	*Desmembramento do texto em unidades/categorias - inventário (isolamento dos elementos); *Reagrupamento por categorias para análise posterior - classificação (organização das mensagens a partir dos elementos repartidos)
3ª etapa: Tratamento dos dados e interpretação	*Interpretações dos dados brutos (falantes); *Estabelecimento de quadros de resultados, pondo em relevo as informações fornecidas pelas análises;	*Inferências com uma abordagem variante/qualitativa, trabalhando com significações em lugar de inferências estatísticas.

Tabela 3. Roteiro Didático para Análise de Conteúdo. Fonte: Souza Júnior, Melo e Santiago (2010)

Outro elemento importante na análise de conteúdo é a elaboração de indicadores de análise. Usando também como modelo Souza Júnior, Melo e Santiago (2010), construímos um esquema (Tabela 4) onde estão expostos os indicadores selecionados para essa pesquisa.

Indicadores
<ul style="list-style-type: none"> - Elemento central: atitudes de crianças em relação à velhice; - Operacionalização: elementos que constituem a atitude de crianças em relação à velhice; - Categorias analíticas³⁸: processo de envelhecimento, educação, atitude; - Categorias empíricas³⁹: agência, relacionamento social, persona e cognição; - Pontos de orientação para a investigação, oriundos do objeto de pesquisa - questões gerais

Tabela 4. Indicadores para análise de conteúdo. Adaptado de Souza Júnior, Melo e Santiago (2010)

Dessa forma, partiu-se desses pressupostos e critérios para construir a análise dos dados advindos da fase exploratória da pesquisa, bem como os dados oriundos da aplicação do questionário⁴⁰.

³⁸ De acordo com Minayo (1998) são aquelas que retêm historicamente as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais. Elas mesmas comportam vários graus de abstração, generalização e de aproximação (SOUZA JÚNIOR, MELO E SANTIAGO, 2010, p. 36)

³⁹ Também segundo Minayo (1998) são aquelas construídas com finalidade operacional, visando ao trabalho de campo (a fase empírica) ou a partir do trabalho de campo. Elas têm a propriedade de conseguir apreender as determinações e as especificidades que se expressam na realidade empírica aproximação (SOUZA JÚNIOR, MELO E SANTIAGO, 2010, p. 36)

⁴⁰ Os dados quantitativos dos questionários foram tabulados através do programa Microsoft Office 2016.

5. ATITUDES DE CRIANÇAS EM RELAÇÃO À VELHICE

Esse momento do texto corresponde a duas fases de extrema importância no processo de pesquisa, os resultados e a discussão. Apenas apresentar os dados coletados não é suficiente frente a necessidade de responder as questões que geraram inicialmente a pesquisa, bem como no decorrer da mesma, sendo necessária uma dedicação do pesquisador em tratar cada informação coletada durante toda a pesquisa, para tornar possível a realização de interpretações e inferências.

Sendo assim, nesse ponto da pesquisa iremos realizar uma análise minuciosa das informações captadas durante todas as fases da pesquisa. Considerando, aqui, que a análise “tem como objetivo organizar os dados de forma que fique possível o fornecimento de respostas para o problema proposto” (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 81).

Contudo, não se pode esperar que interpretação dos dados se dará de forma mágica e/ou sobrenatural. É necessário um conjunto de estratégias que possibilitem extrair dos dados o máximo possível.

Para analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, faz-se necessário superar a tendência ingênua a acreditar que a interpretação dos dados será mostrada espontaneamente ao pesquisador; é preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 84)

Dessa forma, aqui serão apresentados de forma sistematizada os resultados obtidos através da aplicação do instrumento de coleta, bem como ocorrerá o confronto entre os dados obtidos com a literatura estudada.

A fim de tratar de forma mais didática e sistematizada, a parte inicial do questionário será apresentada a partir de cada item que compõe (faixa etária, grau de escolaridade, gênero e convívio com idosos), assim, caracterizando a amostra trabalhada. Em seguida, serão tratados os elementos da Escala Todaro, partindo inicialmente do geral e adentrando na especificidade de cada item que compôs o questionário (faixa etária, grau de escolaridade, gênero e convívio com idosos).

Após dar conta desse momento, será introduzida uma análise mais específica as categorias empíricas elencadas na metodologia (agência, relacionamento social, persona e cognição). Nessa análise também será apontada a predominância de determinados adjetivos, que reforçam a constituição de atitudes positivas e negativas em relação à velhice.

5.1. Caracterização da Amostra

Como afirmada anteriormente, os dados foram inicialmente organizados a fim de poder apresentar uma caracterização da amostra trabalhada durante essa pesquisa.

A amostra foi constituída por um total de noventa e duas crianças (n=92). No tocante ao elemento faixa etária foi verificado uma maioria com dez anos (44,56%), seguida por nove anos (28,26%), onze anos (15,22%), doze anos (7,61%) e oito anos (4,35%). Essa maioria de crianças com dez anos se deve a maior parte das crianças estarem matriculadas no quinto ano (n=55, %=59,78), considerando que a média de idade esperada das crianças para esse ano do ensino fundamental é dez anos.⁴¹

Em relação ao gênero, foi possível perceber uma predominância dos meninos, constituindo esses um total de cinquenta alunos (54,35%), contudo as meninas contabilizaram um número próximo aos dos meninos, quarenta e duas meninas (45,65%). Ao que se refere o elemento do convívio com idosos (morar ou não com idosos), os questionários apontaram que a maior parcela das crianças (n=56) não mora com idosos (60,87%).

A seguir será apresentado os resultados da aplicação da Escala Todaro. Cada item que compôs o instrumento de coleta dessa pesquisa será relacionado com a pontuação obtida a partir da escala, para, por fim, ser analisada dentro das categorias empíricas já faladas aqui.

5.2. Escore geral da Escala Todaro para avaliação de atitudes de crianças em relação à velhice

Antes de iniciar a exposição das pontuações obtidas na escala, é necessário estabelecer um conceito básico que será tratado daqui para frente.

Segundo Ostrom (1969) as atitudes podem ser conceituadas como um conjunto de predisposições que são socialmente aprendidas de forma a corresponder consistentemente e avaliativamente a um objeto ou classe de objetos. Essa avaliação se refere a uma dimensão caracterizada por diferenças “prós-contras, favorável-

⁴¹ Informação coletada através do site do Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ensino-fundamental-de-nove-anos>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

desfavorável, positivo-negativo, solidário-hostil ou desejável-indesejável” (OSTROM, 1969, p. 13 – *tradução do autor*).

Todaro (2008) afirma que as atitudes não são simplesmente observáveis, sendo necessária a existência de “evidências de respostas e indicadores” (p. 75) para que surjam inferências em relação a sua existência. É partindo desse pressuposto que os dados aqui estão organizados, a fim de possibilitar as inferências sobre as atitudes das crianças, tornando possível, ainda, uma avaliação das mesmas. A seguir serão trazidos os resultados específicos na Escala Todaro, como já dito, partindo do geral e adentrando nos itens específicos que compuseram o instrumento de coleta aqui utilizado.

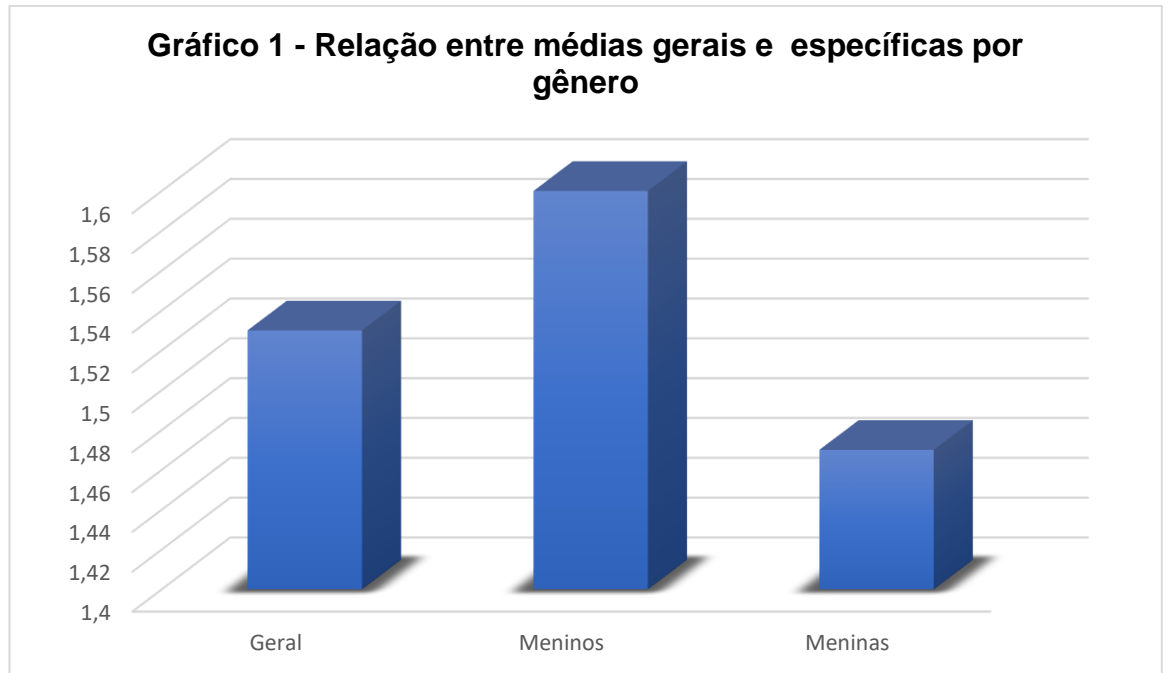
A pontuação média atingida pelas crianças na Escala Todaro para avaliação de atitudes de crianças em relação à velhice foi 1,53 pontos ($dp=0,33$). Essa pontuação aponta para uma atitude mais positiva das crianças, tendo em vista que quanto mais próximo de um (01) mais positiva é a atitude e quanto mais próximo de três (03), mais negativa.

Luchesi (2011), em sua pesquisa utilizando a mesma escala, observou uma pontuação semelhante. Em seu estudo a média atingida pelas crianças ($n=57$) foi 1,59, configurando também uma atitude positiva sobre a velhice.

Na pesquisa que culminou na construção da Escala Todaro para avaliação de atitudes de crianças em relação à velhice, Todaro (2008) aplicou a escala a duzentas e quarenta e oito crianças, com sete a dez anos, e obteve de média, inicialmente, 1,52 pontos, e após intervenções educacionais, obteve 1,38 pontos de média.

Dessa forma o resultado encontrado na pesquisa aqui realizada confirma os achados das duas autoras anteriormente aqui citadas, no que se refere as atitudes de crianças em relação a velhice, e, também, confirma os achados de Herrera (2000), Pinquart, Wenzzel e Sörensen (2000), Newman, Faux e Larimer (1997), que apontam em suas pesquisas uma prevalência de atitudes positivas em relação à velhice por parte das crianças.

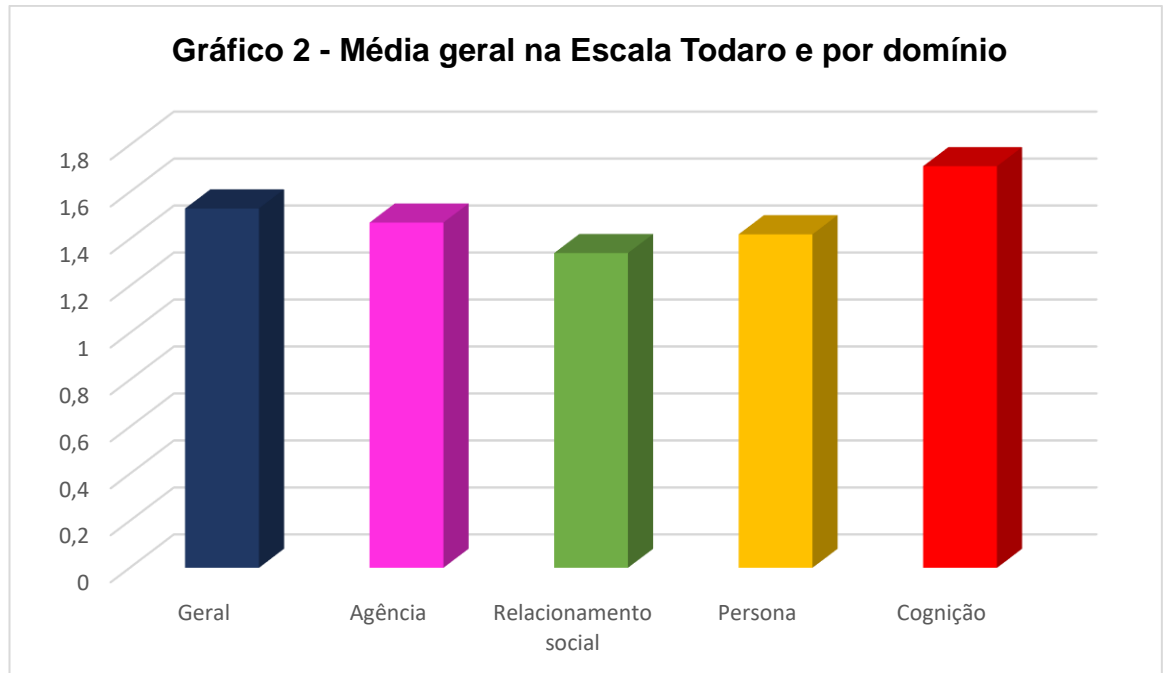
A diferença entre a média da pontuação dos meninos (média=1,60) e das meninas (média=1,47) apresentou uma diferença de aproximadamente 0,13 pontos, sendo, ainda, a pontuação dos meninos maior que a média geral das crianças (Gráfico 01).



No que se refere aos resultados por domínios (agência, relacionamento social, persona e cognição) foi possível verificar que o que possuiu maior pontuação foi cognição (média=1,71) e o com menor pontuação foi relacionamento social (média=1,34) (Gráfico 02).

Todaro (2008) e Luchesi (2011) chegaram ao mesmo resultado no que se refere ao domínio com maior pontuação, entretanto, na pesquisa das duas autoras o domínio com menor pontuação foi persona.

As diferenças entre as médias verificadas nos domínios constroem um cenário que possibilita perceber que as atitudes das crianças em relação à velhice tendem a ser mais negativa no que se refere a aspectos ligados “capacidade de processar informações e solucionar problemas” (LUCHESE, DUPAS E PAVARINI, 2012, p. 35).



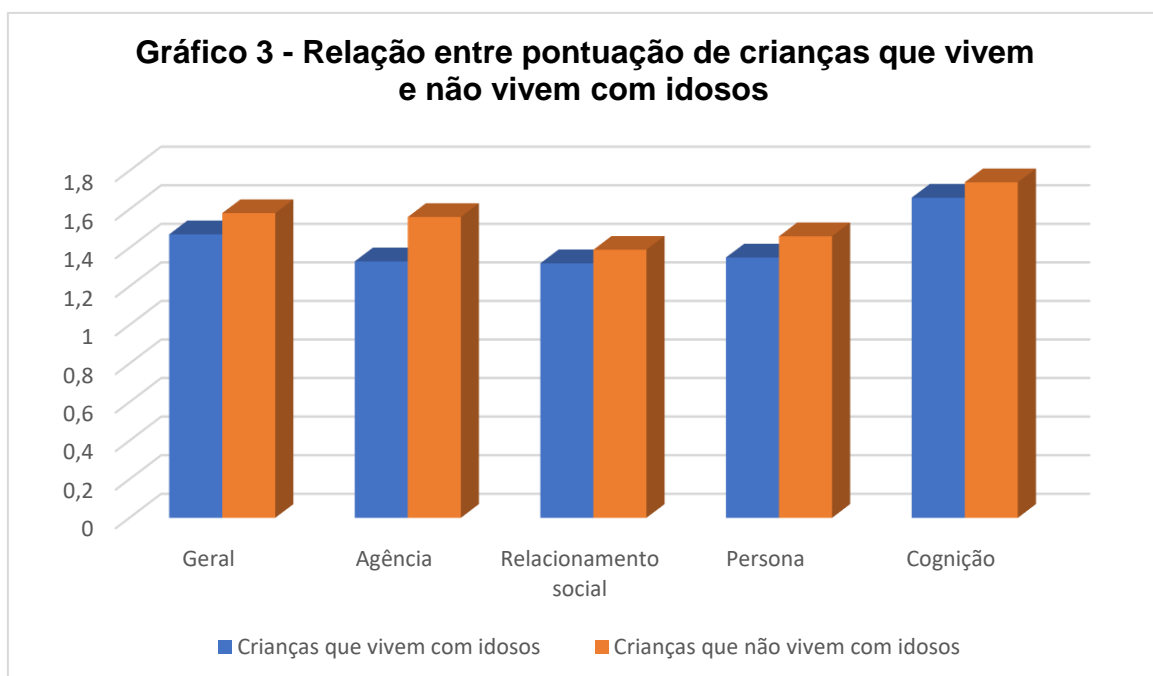
Como aqui afirmado, cada um desses domínios é composto por um conjunto de pares de adjetivos antagônicos. As respostas às escalas apresentadas pelas crianças também confirmam uma preponderância de uma atitude negativa em, praticamente, todos os pares ligados ao domínio cognição, como pode ser visto abaixo (Tabela 5)

Item	Média	Desvio padrão	Domínio
Sábios/Bobos	1,26	0,48	Cognição
Bem-humorados/Mal-humorados	1,5	0,74	Relacionamento social
Aceitos/Colocados de lado	1,28	0,63	Relacionamento social
Alegres/Tristes	1,27	0,57	Agência
Valorizados/Maltratados	1,25	0,54	Relacionamento social
Legais/Chatos	1,38	0,62	Persona
Saudáveis/Doentes	1,67	0,80	Agência
Bonzinhos/Bravos	1,41	0,67	Persona
Mãos-abertas/Pães-duros	1,46	0,69	Persona
Claros/Confusos	1,97	0,87	Cognição
Seguros/Inseguros	1,30	0,56	Cognição
Atentos/Distraídos	1,80	0,86	Cognição
Rápidos/Lentos	2,47	0,69	Cognição
Criativos/Sem criatividade	1,48	0,71	Cognição

Tabela 5. Médias e desvios padrões referentes a cada par de adjetivos da Escala Todaro.

Todaro (2008) ao verificar a relação da convivência com idosos com a atitude das crianças analisadas, não encontrou uma influência significativa, percebendo, entretanto, uma ligação entre a maior convivência com uma melhor pontuação no domínio cognição. Nessa pesquisa, diferentemente da pesquisa onde a Escala Todaro foi aplicada originalmente, foi possível verificar uma diferença entre as pontuações das crianças que conviviam/moravam com idosos daquelas que não (Gráfico 03).

De acordo com Pinquart, Wenzzel e Sörensen (2000), não é claro na literatura a influência da convivência com idosos na mudança das atitudes de crianças em relação à velhice, contudo, eles, em sua pesquisa, verificaram que a relação intergeracional leva a ganhos para ambos os grupos, sendo possível eliminar estereótipos através dessas relações. Todavia, apesar de não ser clara a relação da convivência com a construção das atitudes das crianças é possível verificar que a atitude que a criança tem em relação a um idoso que com ela convive tende a ser replicada a outros, pois a “experiência pessoal com um idoso parece generalizar para outros adultos idosos” (McGuinn e Ashley, 2002, p. 572. *Tradução do autor*), o que reflete a importância dessa relação ser positiva.



McGuinn e Ashley (2002) demonstraram em sua pesquisa que as crianças mais novas possuem maior convivência com idosos o que gera uma atitude mais positiva da parte dessas. Isso também foi encontrado por Todaro (2008) e Luchesi (2011), que

puderam verificar que as crianças mais novas tiveram pontuações mais baixas na Escala Todaro.

Assim o presente estudo replica os achados dos estudos acima citados, pois pode encontrar uma atitude mais positiva nas crianças mais novas. A média das crianças de oito anos foi a menor encontrada, sendo, inclusive, menor do que a média geral. O grupo etário com maior média foi o composto por crianças com onze anos, que possuíram uma média superior em 0,18 pontos do que a média geral e 0,25 pontos do que a média das crianças de oito anos (Tabela 6).

Já em relação aos domínios da escala, todos os grupos etários tiveram sua média mais alta ligada ao domínio cognição.

Item	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos
Geral	1,46	1,50	1,52	1,71	1,53
Agência	1,37	1,55	1,48	1,60	1,35
Relacionamento Social	1,25	1,29	1,32	1,59	1,28
Persona	1,25	1,41	1,32	1,69	1,57
Cognição	1,70	1,64	1,73	1,83	1,68

Tabela 6. Pontuação na Escala Todaro por idade e domínio

Diante dessa exposição e análise até aqui realizada, já é possível verificar uma realidade bem próxima dos trabalhos que foram utilizados nessa pesquisa para fundamentar argumentos e percepções. A seguir será iniciada a análise mais específica das categorias empíricas elencadas para esse trabalho (agência, relacionamento social, persona e cognição). Cada categoria demandará uma breve exposição sobre as características de cada uma, bem como a análise das respostas das crianças para cada par que compõe tal categoria.

5.3. Análise das categorias empíricas

Como aqui já apontado, as categorias empíricas correspondem a um conjunto de “unidades de contexto e de registro que apreendem a dinâmica do objeto de estudo na realidade empírica” (SOUZA JÚNIOR, MELO E SANTIAGO, 2010, p. 37). Assim as quatro categorias aqui elencadas e apresentadas, sintetizam as formas de compreender os dados coletados, dentro da problemática aqui tratada, e considerando o conjunto das categorias analíticas, que forneceram as bases

conceituais “da e para reflexão conceitual tanto no trato com a literatura quanto no contato com os dados de campo” (SOUZA JÚNIOR, MELO E SANTIAGO, 2010, p. 37).

A ordem seguida para a apresentação da análise aqui não foi escolhida ao acaso, ela irá culminar com a categoria que apresentou a atitude mais negativa (cognição).

5.3.1. Agência

Estando ligada à autonomia e instrumentalidade para realizar ações, esta categoria surge nas pesquisas de Todaro (2008) e Luchesi (2011) da mesma posição que a verificada nessa pesquisa, no que se diz respeito a classificação por pontuação entre as outras categorias.

Alguns estudos (CACHIONI E AGUILAR, 2008; NERI, 1991; GREEN, 1981) demonstram que as atitudes e crenças mais negativas em relação a independência e autonomia dos idosos está relacionada, muitas vezes, ao grau de conhecimento que os indivíduos têm sobre o envelhecimento e o idoso.

Em uma pesquisa sobre as crenças em relação à velhice entre graduandos, funcionários, professores e coordenadores que lidam com demandas relacionadas à velhice em universidades brasileiras, Cachioni e Aguilar (2008) encontraram que as pessoas que tinham mais conhecimento sobre o processo de envelhecimento (coordenadores e professores) possuíam atitudes mais negativas no que diz respeito a categoria agência⁴².

Essa realidade levou-nos a crer que, então, as crianças que moravam com idosos possuíam atitudes mais negativas nessa categoria do que as crianças que não moravam. O que foi verificado nos dados coletados não sustentou essa hipótese, sendo, na verdade, o oposto que ocorreu. As que conviviam diariamente em seus lares com idosos possuíam atitudes mais positivas do que as que não conviviam, apresentando uma diferença de 0,13 pontos nas pontuações atingidas nessa categoria.

⁴² Nessa pesquisa a escala utilizada foi a Escala Neri, porém as categorias que constituem essa escala e a escala usada na nossa pesquisa são as mesmas e possuem mesma representação e sentido.

Essas divergências entre os nossos achados e a hipótese anteriormente levantada configura uma relação com o que foi apresentado no segundo capítulo desse trabalho, no que se refere a heterogeneidade do processo de envelhecimento. As pessoas têm envelhecido de formas ainda mais diferentes nos dias atuais, devido a melhoria da qualidade de vida, dos hábitos saudáveis e amparos legais para esse público específico. Sendo o envelhecimento algo tão diverso, é de se esperar que a autonomia e independência também seja algo diverso, sendo existente na realidade de alguns idosos e ausente em outros.

5.3.2. Relacionamento Social

Os aspectos afetivo-emocionais aos quais se relaciona essa categoria são perpassados por um conjunto de fatores que estão intimamente ligados a própria construção dos relacionamentos sociais.

A especificidade do envelhecimento abrange todas as áreas da vida do idoso, inclusive em relação a como esse se relaciona com os demais indivíduos.

Com o envelhecimento, as redes sociais diminuem e as interações sociais tornam-se menos frequentes, mas os idosos passam a manejar seus relacionamentos de forma a maximizar o apoio, o companheirismo e o conforto emocional e a minimizar as tensões e as dificuldades (RABELO E NERI, 2014).

Considerando essa diminuição das redes sociais dos idosos, McQuinn e Ashley (2002) verificaram que as crianças mais novas possuíam maiores possibilidades e oportunidades de convivência com idosos. Essa maior convivência reflete-se nas atitudes mais positivas apontadas por pesquisas com crianças.

Nessa pesquisa foi possível notar que a maior parte das crianças associavam os adjetivos mais positivos dessa categoria ao indivíduo idoso. Isso pode ser fruto de um movimento que, segundo Green (1981), vem surgindo desde a década de 50, onde houve um aumento de pesquisas sobre a velhice, as atitudes dos indivíduos em relação a tal, bem como a utilização dessas pesquisas para fomentar mudanças não apenas nos estereótipos associados aos idosos, mas também alterações na maneira como as instituições veem e encaram a velhice, o processo de envelhecimento e o idoso.

Essas mudanças na sociedade têm favorecido maiores aproximações entre as gerações, quer seja por permitirem uma visão menos depreciativa do idoso por parte

da sociedade, ou por causa do aumento da expectativa de vida que a humanidade tem se deparado na atualidade.

Contudo, esse achado dessa pesquisa reflete também os achados de diversas outras que se propuseram a avaliar as atitudes de crianças. De modo geral na literatura estudada, foi possível encontrar uma afetividade relacionada as respostas que eram ligadas aos adjetivos relacionados a essa categoria (bem-humorado-mal-humorado; aceitos-colocados de lado; valorizados-maltratados), o que reflete a afirmação de Newman, Faux e Larimer (1997) ao verificar que as crianças aprendem sobre os idosos através dos seus relacionamentos com os próprios idosos (geralmente representados na pessoa do avô ou avó). Assim as respostas levam em consideração as experiências com seus entes próximos, mesmo sendo solicitado que ao responder a escala levassem em consideração os idosos no geral.

5.3.3. Persona

A maneira pela qual os idosos são rotulados na sociedade, como aqui já foi dito, está relacionado a um conjunto de elementos que constituem o próprio ideário das sociedades. A categoria persona e os adjetivos que a constituem na escala dizem respeito exatamente a avaliar as atitudes relacionadas a esses rótulos sociais utilizados para a designação dos idosos (LUCHESE, 2011; NERI, 1991)

Em um estudo onde foi analisada as representações sociais de velhice, envelhecimento e idoso veiculada por livros infanto-juvenis, Ferreira Et al. (2015) verificou que o significado de velhice estava geralmente associado à doenças e dependência. Os livros analisados nessa pesquisa eram aqueles que fazem parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola, sendo assim, aqueles que são distribuídos nas escolas públicas por intermédio do MEC.

A apresentação da pesquisa de Ferreira Et al. (2015) possibilita exemplificar como os estereótipos relacionados a velhice ainda são negativos e pejorativos. Ainda em relação aos estereótipos vale citar aqui a pesquisa realizada por Santana e Belchior (2013) ao analisar os papéis atribuídos a idosos na produção cinematográfica. A pesquisa em questão demonstra como os papeis relacionados as questões parentais, cabendo a esse papel algumas funções, como “cuidar, manter financeiramente a família, dedicar carinho e amor aos filhos” (p. 106).

Assim, é possível analisar os resultados obtidos em relação a categoria persona através de um olhar mais amplo que vai além das respostas obtidas. Como, por exemplo a preponderância da associação do idoso ao adjetivo mão-aberta, atribuindo assim uma relação do idoso com o papel daquele que dá dinheiro ou que gasta dinheiro sem avareza, que tem uma relação com o estereótipo do idoso paternal, que tem função de cuidar e prover.

As pontuações obtidas nessa categoria, de maneira geral, atingiram uma média próxima as duas pesquisas aqui estudadas que realizaram a mesma escala (TODARO, 2008; LUCHESI, 2011), também verificando que as crianças que moravam com idosos tinham atitudes mais positivas em relação as que não moravam (diferença de 0,11 pontos). Luchesi (2011) ainda percebeu que o tempo que a crianças morava com o idoso causava atitudes mais positivas, notando que morar a mais de três anos pode ser um fator que melhore a atitude nessa categoria.

Apesar de ser percebido a existência de diversos estereótipos negativos ainda existentes na sociedade, as atitudes que se referem aos mesmos parecem ser mais positivas que os relacionados às questões à autonomia e independência (agência) e que a pontuação geral obtida na escala.

5.3.4. Cognição

Segundo Todaro (2008) a categoria cognição diz respeito ao fato do idosos ser capaz ou não de solucionar problemas ou processar bem as informações. Já Luchesi, Dupas e Pavarini (2012) apontam que esse domínio abrange “aspectos como inteligência, rapidez, clareza, criatividade, atenção e segurança. Essa categoria tem uma relação direta, segundo Todaro (2008), com a adaptação social do idoso diante da sociedade na qual está inserido e que compõe.

Os resultados encontrados em relação a cognição apontaram para uma atitude mais negativa das crianças, do que as outras categorias. A diferença média entre a categoria cognição e as demais atingiu 0,30 pontos, sendo uma diferença bem expressiva e significativa. Assim como nessa pesquisa (e já apontado anteriormente), as pesquisas de Todaro (2008) e Luchesi (2011) encontraram pontuações mais altas nessa categoria.

Em relação aos pares de adjetivos antagônicos, foi possível verificar que os três adjetivos negativos que mais surgiram fazem parte da categoria cognição, a

saber, lentos, confusos e distraídos, que apareceram, respectivamente, cinquenta e cinco, trinta e quatro e vinte e sete vezes cada um⁴³.

Esse achado, ao ser analisado com outros elementos das outras categorias possibilita a realização de algumas inferências, como o fato das crianças acharem os idosos lentos, porém, apesar disso, os consideram alegres e legais⁴⁴, sendo assim, o fato de serem ou não lentos, não interferiu na maneira como as crianças os viam, pois não se generalizava para o idoso de maneira total⁴⁵.

Isaacs e Bearison (1986), ao realizarem uma revisão da literatura, verificaram que a capacidade de determinar e controlar os eventos importantes em suas próprias vidas era visto como algo extremamente diminuído nas pessoas idosas. Isso está diretamente relacionado com o que foi encontrado aqui nessa pesquisa, pois ainda é atribuído que as questões ligadas a gerência de problemas e informações é algo diminuído nos idosos.

Os achados nessa categoria podem, também, ter uma relação com as adaptações biológicas ao envelhecimento que o idoso passa durante seu processo de envelhecimento. Como visto em Moreira (2016) e Papalia, Olds e Feldman (2010) o cérebro, no decorrer da vida e desenvolvimento humano, tende a ter uma diminuição de até 10% do peso original, sendo essas perdas mais significativa e precoce no córtex frontal⁴⁶.

Outro elemento interessante ao analisar as pontuações na categoria cognição, é a grande quantidade de vezes que o adjetivo “sábio” foi selecionado para descrever o idoso. Isso se aproxima do que foi encontrado por Lynott e Merola (2007) que ao aplicar uma escala diferencial semântica a crianças da quarta série verificaram que o par de adjetivos que teve atitude mais positiva no pré-teste foi sábio-bobo⁴⁷

Como aqui já visto, Sternberg (1998) considera a sabedoria como uma forma de inteligência prática, forma essa que é perpassada por um certo aspecto moral. Essa visão sobre o que é a sabedoria demonstra que a mesma não é algo,

⁴³ Lynott e Merola (2007) realizaram uma pesquisa com crianças da quarta série que participariam de um programa intergeracional. Ao aplicar seu instrumento de coleta verificou que o par rápido-lento foi o que possuiu a média mais negativas, tanto no pré-teste como no pós-teste.

⁴⁴ Isto foi verificado, também, por Luchesi (2011) em sua dissertação.

⁴⁵ O que quero dizer nessa afirmação é que a característica de ser lento ou não ser, não era condição *sine qua non* a imagem que as crianças tinham do idoso.

⁴⁶ Região do cérebro importante para a memória e funcionamento cognitivo de alto nível (PAPÁLIA, OLDS E FELDMAN, 2010, p. 640)

⁴⁷ O par utilizado na escala de Lynott e Merola (2007) foi “wise-foolish”, que pode ser traduzido para o português como tolo, bobo, insensato, etc.

necessariamente, oriundo da idade mais avançada. Contudo, na sociedade, como visto por Papalia, Olds e Feldman (2010) a sabedoria é, habitualmente, associada ao idoso. Essa realidade se confirma ao analisar a predominância da relação do adjetivo “sábio” com a afirmação “os idosos são” que constitui a Escala Todaro.

Em relação as respostas dos meninos e das meninas foi possível ver uma diferença considerável no que se refere a essa categoria. Enquanto as meninas pontuaram 1,57 pontos, os meninos alcançaram 1,83 pontos. Isso traduz uma construção social onde às meninas cabe o cuidado da casa e o espaço privado, sendo dessa forma, mais complacente para com o idoso, enquanto ao menino é compelido o espaço público, a conquista e a expansividade, sendo assim, mais negativa sua atitude no que concerne aos pares dessa categoria (LOURO, 2010).

De maneira geral, os achados em todas as categorias configuram um cenário onde as atitudes são mais positivas do que negativas, entretanto, parece não ser a melhor escolha para encontrar isso, pois mesmo dentro desses achados existem diversas atitudes que ainda perpetuam a imagem do idoso como um ser distraído, lento, confuso e doente.

Alguns estudos, como o de Todaro (2008), demonstram como, mesmo já inicialmente positivas, as atitudes em relação à velhice podem ainda ser melhoradas através da intervenção educativa que privilegie os conhecimentos gerontológicos, a diversidade e a inclusão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados aqui encontrados, de maneira geral, possibilitam perceber que as atitudes das crianças tenderam a ser mais positivas, sendo semelhante aos resultados encontrados em diversas outras pesquisas aqui já relatadas. Essas atitudes, porém, ainda permanecem mais negativas quando se trata de elementos voltados ao processamento de informações e solução de problemas, o que ficou refletido na predominância de alguns adjetivos negativos relacionados ao idoso, como os adjetivos: lentos; confusos; distraídos. Esse fato reflete, de acordo com os resultados encontrados em outras pesquisas aqui já apresentadas, uma predominância da imagem do idoso bobo, que não utiliza sua capacidade de raciocínio de forma plena.

Diante do que foi exposto no decorrer desse trabalho, é possível verificar, ainda, que essas atitudes negativas em relação à cognição pode interferir na forma como as crianças percebem o idoso em sua relação com a saúde e autonomia, pois se os idosos são bobos, distraídos, e outros adjetivos relacionados a categoria cognição, então a sua autonomia (elemento essencial para a saúde do idoso) estaria prejudicada de forma considerável, estando, assim, prejudicado, adoentado, com perdas de sua funcionalidade.

De maneira mais geral, também foi possível perceber que a relação entre o avançar da idade e o gênero influenciaram nas atitudes das crianças em relação à velhice, o que traça um cenário onde as intervenções educativas que tratem sobre essa temática já nas idades mais novas são de extrema relevância, mas também a manutenção dessas intervenções com o avançar das idades. E no que se refere ao gênero também é possível através de ações educativas trabalhar a relação das crianças com os idosos e como os papéis de gênero influenciam nessas relações.

Sendo a Educação Física um componente curricular que com maior facilidade lida com as temáticas ligadas ao corpo, faz-se necessário tratar dessa temática dentro de suas aulas, ampliando as discussões sobre o corpo para as discussões sobre como cada corpo envelhece. Porém, essas discussões não devem ficar apenas na dimensão procedimental ou conceitual, deve ser discutida a dimensão atitudinal do processo de envelhecimento.

As lacunas encontradas nos documentos oficiais que direcionam a Educação Física no Estado de Pernambuco também surgem como um meio que parece não

favorecer a alteração dessas atitudes que, apesar de positivas de maneira geral, podem ser melhoradas. O silenciamento dessa temática nos referidos documentos pode sugerir uma maneira de negar conhecimento aos alunos e, dessa forma, negar a possibilidade dos alunos de avançarem em suas análises da sociedade e propor mudanças a partir de sua criticidade.

Sendo assim, vislumbramos a possibilidade de, partindo dos resultados dessa pesquisa, fornecer indicativos para uma atuação dos professores de educação física mais comprometida com a temática da velhice, pois, conforme o que aqui já foi apontado, o trato das questões ligadas ao envelhecimento é algo obrigatório dentro da educação básica. cremos que uma atuação pautada em dados científicos e no conhecimento dos professores sobre essa temática poderá alcançar maior êxito do que uma atuação alicerçada apenas no senso comum.

Esses resultados revelam a realidade de um contexto específico (escolas estaduais do ensino fundamental do Estado de Pernambuco) não podendo ser, assim, generalizados, tendo em vista que a seleção das escolas não ocorreu de forma aleatória, e, ainda, das crianças participantes, a maioria (61,95%) fazem parte de uma mesma escola e comunidade, contendo maiores regularidades de experiências e aproximações sociais.

Contudo, os resultados verificados fornecem um norte para maiores pesquisas que aprofundem os achados aqui apresentados e ampliem o *campus* da pesquisa, buscando uma compreensão mais ampla da problemática trabalhada nesse estudo. Os resultados também levam a novos questionamentos, como, por exemplo, estariam os profissionais da educação capacitados para tratar temas relacionados à velhice dentro das suas aulas? Pois apesar de ser verificadas atitudes mais positivas, a literatura aqui utilizada também demonstra que com o passar da idade as atitudes tendem a se tornarem mais negativas, o que demonstra a relevância da atuação educativa durante todo o processo educativo.

Outro questionamento que fica é sobre a participação da Educação Física na mudança ou manutenção da imagem do idoso frente as crianças. Seria a Educação Física, devido às suas especificidades, um componente curricular protagonista no trato das questões relacionadas à velhice por dentro da escola? Por a Educação Física trabalhar questões relacionadas ao corpo, pode se esperar que a mesma tenha uma maior “facilidade” para tratar temas ligados às mudanças causadas pelo processo de envelhecimento, bem como as atitudes e valores ligados a esse momento do

desenvolvimento, sendo assim, esta é uma dúvida que surgiu após a realização dessa pesquisa.

Assim, a temática proposta nessa pesquisa não se encerra nos questionamentos que a guiaram, bem como também não se encerra nos questionamentos acima trazidos. Espera-se que com os resultados e análises aqui realizados seja possível contribuir para a ciência de modo geral, e, de modo específico, nas pesquisas ligadas ao público idoso, buscando sempre a construção de uma imagem positiva do idoso, bem como um ambiente de respeito e compreensão sobre essa fase do desenvolvimento pelo qual todos possivelmente passaremos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 2010. 281 p.
- BARRETO, V. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- BEAUVOIR, S. **A velhice: a realidade incômoda**. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Pensamento, 1970.
- BÍBLIA SAGRADA. **Nova tradução na linguagem de hoje**. Edição em letra grande. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. 1472 p.
- BLESSMANN, E. J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estud. Interdiscip. Envelhec.** Porto Alegre, v. 6, p. 21-39. 2004.
- _____. **Corporeidade e envelhecimento**: o significado do corpo na velhice. 2003, 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988** / Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para assuntos jurídicos - Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 18 nov. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso** / Ministério da Saúde - 3. ed., 2. reimpr. - Brasília : Ministério da Saúde, 2013. 70 p.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional do idoso – Lei nº 8.842, de Janeiro de 1994** / Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2010. 102 p.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno Cedes**. Campinas, ano XIX, Nº 48, p. 69-88. 1999.

CACHIONI, M; AGUILAR, L. E. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. **Revista Kairós: Gerontologia**. São Paulo, v. 11, Nº 1. P. 79-104, 2008. ISSN 2176-901X. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2512>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

CARVALHO, J. A. M.; RODRÍGUEZ-WONG, L. L. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, Nº 3, p. 597-605, 2008.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 15. Ed. Campinas: Papyrus, 2008.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**: reflexão sobre fundamentos epistemológicos e políticos dessa relação. 1997, 150 f. Tese (Doutorado em Educação: Supervisão e Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; São Paulo.

CUNHA, G. **Mecanismos biológicos do envelhecimento**. In: FREITAS, E. V.; PY, L. Tratado de geriatria e gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2011.

DARIDO, S. C. **Temas transversais e a educação física escolar**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 76-89, v. 16. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41550/1/01d19t04.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2018

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

DOLL, J. et al. Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estud. Interdiscip. Envelheci**. Porto Alegre, v. 12, p. 7-33, 2007.

FERREIRA, C. P. S; ET AL. A visão do envelhecimento, da velhice e do idoso veiculada por livros infanto-juvenis. **Saúde soc.** São Paulo, v. 24, Nº 3, p. 1061-1075, 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000301061&lng=en&nrm=iso>. Acesso em:

08 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902015133362>

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física Progressista: A Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos e a Educação Física brasileira.** 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREEN, S. K. Attitudes and perceptions about the elderly: current and future perspectives. **Int J Aging Hum Dev.** Nova York, v. 13, Nº 2. P. 99-119. 1981.

GONÇALVES, C. D. **Sabedoria e educação: um estudo com adultos da Universidade Sénior.** 2010. 401 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitário) – Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. 2010.

GONÇALVES, R., LAMELA, D., & BASTOS, A. (2013). Envelhecimento e sabedoria: só idade não basta. **Actas de Gerontologia.** Porto, v. 1, Nº 1, p. 1-10, 2013.

GUSMÃO, N. M. M. **Infância e velhice: pesquisa de ideias.** São Paulo: Alínea, 2003.

HAYFLICK, L. **Como e por que envelhecemos**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.

HERRERA, B. S. Actitud de los niños de la escuela serrezuelita de funza frente a los ancianos. **Actualizaciones en Enfermería**. v. 3, Nº 4, p. 10-17, 2000. Disponível em: <https://encolombia.com/medicina/revistas-medicas/enfermeria/ve-34/enfermeria3400-actitud/>. Acesso em: 23 Mai 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Coordenação de População e Indicadores sociais. 146 f. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

ISAACS, L. W; BEARISON, D. J. The development of children's prejudice against the age. **Int'l. J. Aging and Human Development**, Nova York, v. 23, Nº 3, p. 175-194, 1986.

KAUFMAN, Fani G. **Novo velho envelhecimento: olhares e perspectivas**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

LIMA, A. P; VIEGAS, S. de M. A diversidade cultural do envelhecimento: a construção cultural da categoria de velhice. **Psicologia**, v. 6, Nº 2, p. 149-158. 1988.

LYNOTT, P. P; MEROLA, P. R. Improving the Attitudes of 4th Graders Toward Older People Through a Multidimensional Intergenerational Program. **Educational Gerontology**. San Francisco, v. 33, Nº 1, p. 63-74, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LUCHESE, B. M. DUPAS, G; PAVARINI, S. I. Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice. **Rev. Gaúcha Enferm.** v. 33, Nº 4, p. 33-40, 2012.

LUCHESE, B. M. **Crianças que convivem com idosos: atitudes em relação à velhice e percepção sobre a demência**. 2011, 192 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994 - (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

MACIEL, M. G. Atividade física e funcionalidade do idoso. **Motriz**. Rio Claro, v. 16, Nº 4, p. 1024-1032, 2010.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Monaco; Revisão da tradução Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella – 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 1997.

MAZUTTI, C; SCORTEGAGNA, H. de M. Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. Passo Fundo, v. 3, Nº 2, p. 101-112, 2006.

MCGUINN, K. K; ASHLEY, P. M. M. Children's fears about personal aging. **Educational Gerontology**. San Francisco, v. 28, Nº 7, p. 561-575, 2002. DOI: 10.1080/03601270290099769

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo e... “mente”**: bases para a transformação e renovação da Educação Física. 23. ed. Campinas: Papirus, 2007.

MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa em Educação Física**: alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MORAES, E. N.; MORAES, F. L.; LIMA, S. P. P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Rev. Med. Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, Nº 1, p. 67-73, 2010.

MOREIRA, V. G. Biologia do envelhecimento. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2016.

MINAYO, M. C. S.; (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

NERI, A. L. Conceitos e teorias sobre envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES, D.; COSENZA, R. M. **Neuropsicologia do envelhecimento**: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre: Artmed, 2013.

_____. **Envelhecer num país de jovens**. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas: Editora UNICAMP, 1991.

_____. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

NETTO, M. P. Introdução ao estudo do envelhecimento e da velhice. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2016.

NEWMAN, S.; FAUX, R.; LARIMER, B. Children's views on aging: their attitudes and values. **The Gerontologist.** Oxford, v. 37, Nº 3, p. 412-417, 1997.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Organização PanAmericana de Saúde, 2005.

OSTROM, T. M. The relationship between the affective, behavioral, and cognitive components of attitude. **Journal of Experimental Social Psychology.** Nova York, v. 5, Nº 1, p. 12-30, 1969.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi et al. 10 ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PEIXOTO, C. E. **História de mulheres, de envelhecimento e sexualidade.** In: XXI Encontro Anual da ANPOCS, out 21-25, 1997, Caxambu. 1997.

PEREIRA, S. R. M. **Fisiologia do envelhecimento.** In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2016.

PERNAMBUCO. **Secretaria de Educação. Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: Parâmetros Curriculares para a Educação Física – Ensino fundamental e médio.** Recife: SE-PE, 2013.

PINQUART, M. WENZEEL, S. SÖRENSEN, S. Changes in attitudes among children and elderly adults in intergenerational group work. **Educational Gerontology.** Calgary, v 26, Nº 6, p. 523-540, 2000. DOI: 10.1080/03601270050133883

PITANGA, D. A. **Velhice na cultura contemporânea.** 2006. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2006.

RABELO, D. F.; NERI, A. L. A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. **Pensando fam.** Porto Alegre, v. 18, Nº 1, p. 138-153, 2014. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jun. 2018.

SANTANA, C. S.; BELCHIOR, C. G. A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. **Revista Kairós : Gerontologia**, São Paulo, v. 16, Nº 1, p. 93-116, 2013. ISSN 2176-901X. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20343/15100>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

SANTIAGO, E. Perfil do educador/educadora para a atualidade. IN: **Formação de professores e prática pedagógica**. José Batista Neto e Eliete Santiago (Orgs.). Recife: Massangana, 2006.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!** 32. ed.- Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1999. - (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 5)

SERAFIM, F. M. M. P. **Promoção do bem estar global na população sénior: práticas de intervenção e desenvolvimento de actividades físicas.** 2007, 301 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade do Algrave, Faro.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, Nº 1, p. 155-168, 2008.

SIQUEIRA, M. E. C. Teorias Sociológicas do Envelhecimento. In: NERI, A. L. **Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas.** Campinas: Papyrus, 2001.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil.** Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUZA JUNIOR, M. B. M. de; MELO, M. S. T. de; SANTIAGO M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em

Educação Física escolar. **Revista movimento**. Porto Alegre, v. 16, Nº 03, p. 31-49, 2010.

STERNBERG, R. J. A Balance Theory of Wisdom. **Review of General Psychology**. Washington, v. 2, Nº 4, p. 347-365, 1998.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TODARO, M. de A. **Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando à mudança de atitudes de crianças em relação a idosos**. 2008, 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

TRENCH, B.; ROSA, T. E. C. **Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

VIANNA, C. E. S. Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira. **Janus**. Lorena, ano 3, Nº 4, p. 128-138, 2006.

VIOTTO, R. A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. **Nuances: Estudo sobre Educação**. São Paulo, v. 27, Nº 1, p. 357-363, 2016.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice: Aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

APÊNDICE A – OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

A/C Sra. **Patrícia Chaves**

Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco

Assunto: **Solicitação de informações**

Prezada sra. Coordenadora,

Eu, Prof.^a Dra. Nayana Pinheiro Tavares, orientadora do discente Everton Willian de Oliveira Cavalcanti, graduando do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, inscrito no CPF sob o nº 096.859.474-30, venho, por meio deste solicitar que seja disponibilizado o nome das escolas estaduais da Região Metropolitana do Recife, geridas pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, que oferecem aulas para o ensino fundamental anos iniciais. Essa informação será necessária para a delimitar o campo de pesquisa da monografia do discente aqui referido.

Grato,

Recife, 24 de abril de 2018

Nayana Pinheiro Tavares

Everton Willian de Oliveira Cavalcanti

APÊNDICE B – OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A/C Gestor (a)

Escola 1

Assunto: **Coleta de dados**

Prezada sr (a). Diretor (a),

Eu, Nayana Pinheiro Tavares, professora orientadora do discente Everton Willian de Oliveira Cavalcanti, graduando do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, inscrito no CPF sob o nº 096.859.474-30, venho, por meio deste solicitar que, caso seja possível, seja permitida a coleta de dados referente a construção da monografia do discente aqui apresentado. Essa coleta de dados se dará através da entrega de um questionário e escala que buscará verificar qual a visão que as crianças do quarto e quinto ano do ensino fundamental anos iniciais tem sobre os idosos e, por consequente, a velhice. Os dados pessoais das crianças participantes da pesquisa não serão divulgados, mantendo assim o sigilo das mesmas. A participação dos estudantes também somente será efetivada mediante a autorização dos pais ou responsáveis, através do preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido. O processo da coleta dos dados ocorrerá de maneira a não prejudicar o andamento das aulas previstas no calendário escolar, bem

como buscará se adequar ao planejamento e disponibilidade dos professores responsáveis pelas turmas selecionadas.

Grata pela disponibilidade em cooperar

Nayana Pinheiro Tavares

Departamento de Educação Física

Em 25 de abril de 2018

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE

Sede
Rua Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos
CEP: 52171 - 900 – Fone: (81) 3320-6000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE IDADE

Caro Responsável/Representante Legal:

Gostaríamos de obter o seu consentimento para o (a) menor _____, participar como voluntário da pesquisa intitulada O Lugar da Velhice Na Escola, que se refere a um trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Educação Física realizado pelo discente Everton Willian de Oliveira Cavalcanti, orientado pela Prof.^a Dra. Nayana Pinheiro Tavares.

O(s) objetivo(s) deste estudo são: analisar as atitudes em relação a velhice de crianças do ensino fundamental anos iniciais; identificar conceitos de envelhecimento, bem como, concepções e representações da velhice ao longo da história e na sociedade atual; problematizar sobre a escola, sua função social e o professor e aluno enquanto sujeitos da mesma; verificar aproximações e distanciamentos entre documentos que regem o conteúdo curricular educação física no ensino fundamental anos iniciais e a temática velhice. Os resultados contribuirão para a construção de um panorama sobre a forma como a temática velhice se materializa dentro da escola e, assim, contribuirá, ainda, com dados que auxiliarão a inserção e/ou melhoria do trato pedagógico da temática velhice dentro da escola.

A forma de participação consiste em responder uma escala onde cada participante irá escolher uma palavra dentro de um par de palavras opostas que melhor define o indivíduo idoso. Ao todo existem quatorze pares de palavras que compõem a escala.

O nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante o anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada, não haverá gastos decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como irrisório, tendo em vista que a pesquisa



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE

Sede
Rua Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos
CEP: 52171 - 900 – Fone: (81) 3320-6000

será realizada dentro da escola em que o participante já frequenta e dentro do horário usual das aulas.

Gostaríamos de deixar claro que a participação é voluntária e que poderá deixar de participar ou retirar o consentimento, ou ainda descontinuar a participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo de qualquer natureza.

Desde já, agradecemos a atenção e a da participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com pesquisador principal: Everton Willian de Oliveira Cavalcanti, rua cinco, nº 126, Maranguape I – Paulista, (81) 99687-7575.

Eu, _____ (nome do responsável ou representante legal), portador do RG nº: _____, confirmo que Everton Willian de Oliveira Cavalcanti explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para participação do menor _____ também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para o menor participar como voluntário desta pesquisa.

Recife, de _____ de 2018.

(Assinatura responsável ou representante legal)

Eu, _____ obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

(Everton Willian de Oliveira Cavalcanti)

(Nayana Pinheiro Tavares)

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO

PESQUISA: O LUGAR DA VELHICE NA ESCOLA					
EU ESTUDO NA ESCOLA _____					
EU SOU		<input type="checkbox"/> MENINO		<input type="checkbox"/> MENINA	
EU TENHO	<input type="checkbox"/> 8 ANOS	<input type="checkbox"/> 9 ANOS	<input type="checkbox"/> 10 ANOS	<input type="checkbox"/> 11 ANOS	<input type="checkbox"/> _____
EU ESTOU NO		<input type="checkbox"/> 4º ANO		<input type="checkbox"/> 5º ANO	
EU MORO COM IDOSOS		<input type="checkbox"/> SIM		<input type="checkbox"/> NÃO	
OS IDOSOS SÃO					
		- -			
SÁBIOS	1	2	3	BOBOS	
		- -			
BEM-HUMORADOS	1	2	3	MAL-HUMORADOS	
		- -			
COLOCADOS DE LADO	1	2	3	ACEITOS	
		- -			
ALEGRES	1	2	3	TRISTES	
		- -			
VALORIZADOS	1	2	3	MALTRATADOS	
		- -			
LEGAIS	1	2	3	CHATOS	
		- -			
DOENTES	1	2	3	SAUDÁVEIS	
		- -			
BONZINHOS	1	2	3	BRAVOS	
		- -			
PÃES-DUROS	1	2	3	MÃOS-ABERTAS	
		- -			
CLAROS	1	2	3	CONFUSOS	
		- -			
INSEGUROS	1	2	3	SEGUROS	
		- -			
ATENTOS	1	2	3	DISTRAÍDOS	
		- -			
LENTOS	1	2	3	RÁPIDOS	
		- -			
CRIATIVOS	1	2	3	SEM CRIATIVIDADE	
		- -			

ANEXO A – RELAÇÃO DAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL COM ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS



Secretaria Executiva de Gestão de Rede
Superintendência Técnica de Gestão da Rede
Gestão de Monitoramento da Rede Escolar

RELAÇÃO DAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL COM ANOS INICIAIS

MUNICÍPIO	CÓDIGO DO MEC/ESCOLA
QUIXABA	26018977 - ESCOLA TOME FRANCISCO DA SILVA
IBIMIRIM	26026902 - ESCOLA APOLONIO ALVES DA SILVA
ALIANÇA	26087022 - ESCOLA CEL LUIZ IGNACIO PESSOA DE MELO
CAMARAGIBE	26107996 - ESCOLA VALE DAS PEDREIRAS
OLINDA	26113562 - ESCOLA JERONIMO ALBUQUERQUE
PAULISTA	26116316 - ESCOLA DE REFERENCIA EM ENSINO MEDIO PROFESSORA AMARINA SIMOES
PAULISTA	26117088 - ESCOLA WALFRIDO ADVINCULA
RECIFE	26122120 - COLEGIO DA POLICIA MILITAR DE PERNAMBUCO
RECIFE	26128454 - ESCOLA PROFESSOR JOSE DOS ANJOS
CABO DE SANTO AGOSTINHO	26130181 - ESCOLA PONTE DOS CARVALHOS
CABO DE SANTO AGOSTINHO	26130513 - ESCOLA DE PONTEZINHA
FERNANDO DE NORONHA	26132001 - ESCOLA DE REFERENCIA EM ENSINO MEDIO ARQUIPELAGO DE FERNANDO DE NORONHA
RECIFE	26134350 - ESCOLA PADRE DONINO
PETROLINA	26036266 - ESCOLA SAO JOSE - PETROLINA
	26011506 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA JOSE PEDRO PEREIRA
	26011972 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA SAO DOMINGOS SAVIO
	26028506 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA AIMBERE
	26028506 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA AIMBERE
	26031302 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA ANTONIO CIRILO DOS SANTOS
	26031469 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA JOAO ALBERTO MACIEL
	26031833 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA ROSA MARIA DA CONCEICAO
	26031850 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA MANOEL DEODATO DOS SANTOS
	26031850 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA MANOEL DEODATO DOS SANTOS
	26032066 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA MARIA ANTONIA DA CONCEICAO PRACA
	26032066 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA MARIA ANTONIA DA CONCEICAO PRACA
	26032090 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA ACILON CIRIACO DA LUZ
	26033607 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA SAO FELIX
	26040387 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA JOAO LIMA

	26040441 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA MANOEL JOAO DE SOUZA
	26040646 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA EMILIANO QUIRINO DE SA
	26041529 - EIND - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA MENINO JESUS - FLORESTA
	26042118 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA BARRIGUDA
	26042126 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA DOUTOR CARLOS ESTEVAO
	26045540 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA SATURNINO VIEIRA DE MELO
	26045753 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KAPINAWA
	26046210 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA BARAO DO RIO BRANCO
	26058561 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CANA BRAVA
	26058650 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA JOSÉ ALVES DE CARVALHO
	26059150 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA INTERMEDIÁRIA MONS OLÍMPIO TORRES
	26059207 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA SANTA ÁGUEDA
	26059207 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA SANTA ÁGUEDA
	26135387 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS - PESQUEIRA
	26147190 - ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA ORORUBA
	26155435 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA JOAQUIM ROSENO DOS SANTOS
	26173689 - EIND - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA SANTO EXPEDITO
	26178338 - ESCOLA ESTADUAL INDIGENA SAO FRANCISCO

ANEXO B – ESCALA TODARO - ESCALA PARA AVALIAÇÃO DE ATITUDES EM
 RELAÇÃO À IDOSOS

	OS IDOSOS SÃO:	
SÁBIOS	1-----1 -----1 1 2 3	BOBOS
BEM-HUMORADOS	1-----1 -----1 1 2 3	MAL-HUMORADOS
COLOCADOS DE LADO	1-----1 -----1 1 2 3	ACEITOS
ALEGRES	1-----1 -----1 1 2 3	TRISTES
VALORIZADOS	1-----1 -----1 1 2 3	MALTRATADOS
LEGAIS	1-----1 -----1 1 2 3	CHATOS
DOENTES	1-----1 -----1 1 2 3	SAUDÁVEIS
BONZINHOS	1-----1 -----1 1 2 3	BRAVOS
PÃES-DUROS	1-----1 -----1 1 2 3	MÃOS-ABERTAS
CLAROS	1-----1 -----1 1 2 3	CONFUSOS
INSEGUROS	1-----1 -----1 1 2 3	SEGUROS
ATENTOS	1-----1 -----1 1 2 3	DISTRAÍDOS
LENTOS	1-----1 -----1 1 2 3	RÁPIDOS
CRIATIVOS	1-----1 -----1 1 2 3	SEM CRIATIVIDADE

FONTE: TODARO (2008)

ANEXO C – ESCALA NERI DE AVALIAÇÃO DE ATITUDES EM RELAÇÃO À VELHICE

O IDOSO É:								
1	Sábio	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Tolo
2	Destrutivo	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Construtivo
3	Bem-humorado	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Mal-humorado
4	Rejeitado	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Aceito
5	Desconfiado	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Confiante
6	Entusiasmado	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Deprimido
7	Isolado	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Integrado
8	Ultrapassado	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Atualizado
9	Valorizado	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Desvalorizado
10	Agradável	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Desagradável
11	Doentio	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Saudável
12	Cordial	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Hostil
13	Ativo	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Inativo
14	Introvertido	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Sociável
15	Desinteressado pelas pessoas	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Interessado pelas pessoas
16	Esperançoso	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Desesperado
17	Mesquinho	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Generoso
18	Dependente	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Independente
19	Produtivo	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Improdutivo
20	Progressista	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Retrógrado
21	Confuso	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Claro
22	Condescendente	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Crítico
23	Preciso	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Impreciso
24	Seguro	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Inseguro
25	Concentrado	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Distraído
26	Rápido	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Lento
27	Flexível	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Rígido
28	Criativo	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Convencional
29	Persistente	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Inconstante
30	Alerta	1-----1-----1-----1-----1	1	2	3	4	5	Embotado

FONTE: TODARO (2008)